



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Luzivane Ramos Cabral

**Interpretação do Gênero Poema na Dinâmica de Sala de Aula
para Alunos Surdos no Ensino Médio**

São Luís / MA

2018

Luzivane Ramos Cabral

**Interpretação do Gênero Poema na Dinâmica de Sala de Aula
para Alunos Surdos no Ensino Médio**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rachel Sutton-Spence

Co-Orientadora: Andrea Rejane Melo Brito

São Luís / MA

2018

A Deus, aos meus pais, à minha família e a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a conclusão desse trabalho.

Mas, sejam fortes e não desanimem, pois o trabalho de vocês será recompensado”.

(2 Crônicas 15:7)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar presente em todos os momentos da minha vida, fonte de amor, alegria e paz; pelas bênçãos alcançadas todos os dias, proporcionando-me coragem para não desistir dos meus objetivos e sim enfrentar todas as barreiras que se puserem à minha frente e vencê-las.

À professora Rachel Sutton pela confiança e credibilidade para o desenvolvimento deste trabalho e pelos ensinamentos ao longo do período acadêmico.

Às tutoras Andrea Rejane e Lea Cristina que estiveram durante esses 4 anos de academia, pela paciência, pelo zelo e responsabilidades com nossas atividades, as quais sempre nos apoiaram nos momentos mais difíceis nessa longa caminhada.

A todos os professores desta instituição de ensino que contribuíram com ensinamentos e construção de conhecimentos nesse período de academia.

Agradeço os colegas de turmas pelas orientações e aconselhamentos nesses quatro anos de graduação e pela participação sanando algumas dúvidas no momento de produção deste trabalho

A todos os meus amigos, em especial Bruno Gerris e Izanir que contribuíram com alegrias e companheirismo durante esses 4 anos de estudo, nos momentos de dificuldades, e o apoio com palavras de incentivo para a conclusão deste trabalho.

A todos, meus agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa foca na interpretação do texto literário do gênero “*poema*”. O gênero literário “*poema*”, é um tipo de texto complexo que possui uma linguagem estilizada, predominantemente apresenta histórias, vocabulários de outras épocas, nas quais retratam memórias de um povo passado, costumes repletos de figuras de linguagem. Quando trabalhada em sala de aula ele cumpre o objetivo em formar cidadãos críticos e reflexivos. A poesia sinalizada e a literatura surda exercem o mesmo fator dentro da comunidade surda, com o povo surdo, pois, é através dela que eles representam suas lutas e conquistas, através de piadas narrativas, poesias, a fim de registrar suas memórias para que possam ser levadas de geração a geração. Assim, essa pesquisa tem por objetivo analisar o processo de interpretação do português oral para a língua de sinais diante do gênero *poema* em sala de aula no ensino médio. Buscamos refletir sobre interpretação de textos do gênero poesia, evidenciando as estratégias e recursos na língua de sinais que facilitem o processo interpretativo. Deste modo, este estudo foi realizado através de, questionário eletrônico com tradutores-intérpretes de LIBRAS que atuam ou já atuaram em escolas no nível médio com alunos surdos, buscando entender quais as dificuldades e estratégias utilizadas na interpretação do texto literário “poema”, para compreender quais métodos utilizados por esses profissionais diante de um texto complexo de uma linguagem estilizada e de difícil compreensão. A metodologia utilizada realizou-se em abordagem quanti-qualitativa com fins em métodos descritivos. Verificou-se que, muitos TILS que atuam neste contexto, desconhecem a literatura surda ou sinalizada. Como também os aspectos linguísticos da LIBRAS que auxiliam no seu exercício, falta de disponibilização do texto poético com antecedência pelo professor para a realização da tradução e reconhecimento do mesmo, pois, a falta desta interação entre professor e intérprete em sala de aula acaba comprometendo a interpretação, logo, o trabalho torna-se ineficaz, justificado pela omissão de informações que refletirá na formação do aluno surdo.

Palavras-chave: Tradução/Interpretação. Poesia Sinalizada. Interpretação de Poema.

ABSTRACT

This research focuses on the interpretation of the literary text of the genre "poem". The literary genre "poem" is a type of complex text that has a stylized language, which predominantly presents stories, vocabularies from another time, which depict memories of a past people, customs, full of figures of language, when worked on classroom it fulfills the goal of forming critical, reflective citizens. Signed poetry and deaf literature exert the same factor within the deaf community, with the deaf people, for it is through them that they represent their struggles, achievements, through jokes, narratives, poetry, in order to record their memoirs so that they can pass from generation to generation. Thus, this research has the objective of analyzing the process of interpretation of oral Portuguese for sign language before the genre poem in the classroom in high school, in order to reflect on interpretation of texts of the genre poetry, highlighting the strategies and sign language features that facilitate the interpretive process. In this way, this research was carried out through an electronic questionnaire, with interpreters of Libras who work or have already worked in middle schools with deaf students, trying to understand the difficulties and strategies used in the interpretation of the literary text "poem", related to understand what methods these professionals use in the face of a complex text of a stylized, difficult to understand language. The methodology used was through the quantitative-qualitative approach with purposes in the descriptive method. It was verified that many TILS that act in this context, do not know about the deaf or signaled literature, as well as of the linguistic aspects of the Libras that aid in its exercise, in this way end up compromising the interpretation, since they omit information that reflects in the education of the deaf student.

Keywords: Translation / Interpretation. Signed Poetry. Interpretation of Poem.

RESUMO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Vídeo disponível em: <https://youtu.be/vaF-rCwcHzc>

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Você tem acesso ao texto literário com antecedência para estudo, afim de melhor compreendê-lo, facilitando sua interpretação durante a aula?.....	45
Gráfico 2-	Você conhece sobre literatura surda ou sinalizadas?.....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Quais as dificuldades enfrentadas na interpretação de textos literários?.....	41
Tabela 2 -	Quais técnicas utiliza para sua interpretação do poema?.....	46
Tabela 3 -	Há diferenças entre a estrutura dos textos poéticos em língua oral como em língua de sinais?	48
Tabela 4 -	Você tem sugestões que venham contribuir no trabalho de interpretação do gênero poema ?	50

LISTAS DE SIGLAS

TILS TRADUTORES INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS

IE INTÉRPRETE EDUCACIONAL

LS LÍNGUA DE SINAIS

LIBRAS LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL...	18
2 A LITERATURA SURDA E A POESIA SINALIZADA	23
3 O GÊNERO POEMA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA	27
4 A PESQUISA	39
4.1. Introdução	39
4.2. Caracterização geral.....	39
4.3. Procedimento de análise de dados	41
5 ANÁLISE DOS DADOS	44
5.1. Introdução.....	44
5.2. Análise.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE	64

INTRODUÇÃO

Interpretar textos do gênero poético dos quais possuem uma linguagem subjetiva, que combinam formas diversas de representação da linguagem, denotando dentro de si características de uma época, de culturas, de contextos sociais, carregados de vocabulário específico, cujos autores utilizam várias figuras de linguagem, das quais pode-se citar a mais presente, metáfora, requer do profissional habilidades interpretativas. Desse modo a dificuldade de interpretar textos poéticos vai requerer um prévio conhecimento do texto, domínio linguístico de Libras e da língua alvo e domínio de classificadores e estratégias interpretativas. O presente trabalho apresentará a seguinte problemática: Quais as dificuldades enfrentadas na interpretação da língua oral para a língua de sinais do texto do gênero literário “poema” e as estratégias utilizadas para sua interpretação? Logo, o mesmo tem como objetivo analisar o processo de interpretação de textos do gênero literário “poético” na dinâmica de sala de aula no ensino médio, afim de destacar os desafios enfrentados nesse processo, como também as habilidades e competências que este profissional deve ter para auxiliar na sua atividade interpretativa, afim de facilitar o processo de aprendizagem do aluno surdo.

Durante séculos, a educação de surdos sempre foi motivo de conflitos e controvérsias acerca de como as pessoas surdas deveriam se comunicar, passando assim grandes privações, sendo negligenciados, excluídos totalmente de um sistema social, político, familiar e educacional, vistos como deficientes e incapacitados de exercerem qualquer atividade útil, que para muitos consideradas como atividades “normais” para pessoas “normais”.

Assim, a língua de sinais era vista apenas como um conjunto de gestos, sendo marginalizada, descaracterizada como língua e isso se perdurou durante um longo período da história, estes por sua vez eram privados de sinalizar, eram ensinados totalmente numa política oralista condicionados a uma sociedade que queria-lhes impor um padrão de vida para serem considerados como cidadãos, segundo Arruda (s.d, p.28), justificados pela ausência da audição e conseqüentemente pela falta de expressão da fala oral, sendo considerados como minorias linguística, eram condicionados a viverem nos padrões da normalidade imposta pela comunidade ouvinte, tal fato era defendido através de uma proposta oralista, uma filosofia de ensino de normatização, que colocava o surdo como deficiente, como Capovilla (2000, p.102) afirma sobre essa filosofia que: “o método oralista objetivava levar o surdo a falar e a desenvolver competência linguística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social

e cognitivamente do modo mais normal possível, integrando-se, como um membro produtivo, ao mundo dos ouvintes”.

Nesse contexto, a língua de sinais é de suma importância para o desenvolvimento do indivíduo surdo, sendo uma língua de modalidade visual-espacial, que possui uma gramática própria capaz de expressar conceitos concretos e abstratos, que se validam a partir da necessidade comunicativa do ser humano. Portanto, elas são línguas naturais porque surgiram da espontaneidade dentro da comunidade surdas, tendo gramática própria, e se diferenciam das línguas orais, pois privilegiam o visual, o espaço para articulação dos sinais que para Felipe (2001) elas são percebidas pelo visual, e utilizam o espaço para a sua articulação, complexas pois apresentam todos os aspectos linguísticos de qualquer outra língua oral, como os níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

Diante das características existentes nas línguas de sinais, esta pesquisa surgiu da inquietação diante da interpretação de textos do gênero poema no contexto de sala de aula no ensino médio, pois percebe-se que tal gênero textual apresenta características próprias, carregando em si uma linguagem peculiar, estilizada que por efeito de mudanças relativas a determinada época, contexto social, cultural e linguístico torna-se de difícil compreensão, devido uso de expressões não conhecidas utilizadas em um outro contexto, e que sofreram decorrentes do tempo e da variação da língua. Pode-se dizer ainda que este gênero possui uma estrutura própria composto de rimas, sonoridades, de figuras de linguagem como metáfora, metonímia, enfim, o que dificulta a interpretação em língua de sinais quando o profissional intérprete não tem o acesso ao texto previamente.

É importante destacar nesse contexto a diferenciação entre tipologia textual e gênero textual, para se entender o foco da pesquisa em questão. Assim, tipologia textual é uma organização bem definida estruturalmente, cujos enunciados estão organizados em termos relacionados a língua em sua estrutura, referindo aos aspectos lexicais, sintáticos, tempo verbal, esse se mantém de forma fixa, estável.

Em contrapartida, o gênero textual é a forma comunicativa da linguagem, são entidades socio-discursivas que se adequam a determinada ação, envolvendo o emissor, interlocutor e o contexto, que surgem de acordo com a necessidade comunicativa e cultural de uma sociedade, a medida que esta evolui surge a necessidades de novos generos com a finalidade de proporcionar a comunicação.

Justificado assim pela característica do que é o gênero textual, e na pesquisa dando

ênfase ao gênero poético, percebe a dificuldade do intérprete de língua de sinais frente a esse gênero textual, percebe-se desse modo a necessidade que este profissional precisa desenvolver competências e habilidades na realização da interpretação de uma língua oral para uma língua de sinais ou vice-versa, sendo fiel¹ ao que lhe é transmitido, mas para isso o profissional precisa primeiramente ter domínio de ambas as línguas, ter conhecimento de mundo, linguístico e extralinguístico.

Na interpretação do gênero poesia, o profissional (re) cria os sentidos dos textos fonte da língua oral caracterizada pela língua portuguesa, para a língua alvo, a Libras, sem fugir do original, através dos recursos da performance poética em línguas de sinais como incorporação, simetria, classificadores, olhar e o uso do espaço, recursos estes que possibilitam a interpretação por parte do aluno surdo fazendo-o meditar e criar a partir da sua compreensão, isto é, para Felício (2014, p. 194), ressalta bem o que foi comentado anteriormente quando fala que “O prazer de ler as palavras sinalizadas acompanhadas das expressões faciais e corporais e o enlevo da leitura da imagem, provavelmente associa-se ao desejo de não interrompê-la. O prazer de ler provavelmente resulta no desejo de contar e recontar”. Portanto, compreende-se que o indivíduo surdo aprende e interage com o mundo através de experiências visuais, logo a produção de materiais poéticos, a literatura cumpre um fator preponderante na formação educacional deste aluno, pois segundo Neiva (2014) diz que estes materiais, esse gênero textual proporciona ao educando uma leitura de mundo, como a leitura da escrita e de imagens, esse processo deve se perdurar por todo o processo formativo desse aluno no contexto educacional. A partir destes aspectos, o aluno consegue criar e recriar os significados quando é proporcionado os seguintes objetivos, “Ler imagens do entorno; 2. Ler imagens de livros ilustrados; 3. Usar imagens visuais como apoio da leitura de texto simples; 4. Ler sinais, símbolos e figuras com o objetivo de promover a alfabetização; 5. Criar imagens visuais significativas para registrar compreensão de tarefas (...) Hughes (1988 apud Reily, 2003, p.165).

Para tradução/interpretação do gênero poético faz-se necessário o domínio linguístico e extralinguísticos que deverão ser balizados por recursos que explorem a capacidade expressiva facial e corporal. Nesse sentido, levanto as hipóteses iniciais nesta pesquisa: O intérprete durante a prática da sala de aula não se vale do prévio conhecimento do texto no qual fará a

¹ Fiel nesse contexto diz respeito ao que está contido no Código de Ética do Tradutor/Intérprete de Libras no Cap. 1, Art.3 em que diz: “ O intérprete deve interpretar fielmente e com melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante (...)”.

interpretação; os termos que envolve o universo gênero poético ainda são incipientes e de pouco domínio do intérprete escolar; O uso de classificadores e estratégias tradutórias não são utilizados com apropriação pelo intérprete durante as interpretações de textos do gênero poéticos.

Para o desenvolvimento desta pesquisa a metodologia contou-se com a coleta de dados através da aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas que versam sobre sua formação, quanto tempo de atuação, quantos alunos acompanham ou acompanharam na sala de aula de ensino médio, e também acerca dos conhecimentos do trabalho de interpretação diante do texto do gênero literário “poema”, qual suas dificuldades e estratégias utilizadas. Assim, o questionário foi realizado por formulário eletrônicos (questionário google), com o objetivo de coletar um quantitativo maior de opiniões, para tanto foi enviado individualmente para 43 TILS que atuam ou já atuaram nas escolas no ensino médio na cidade de São Luís - Ma, como também para os que atuam também no interior do Maranhão, nessa conjuntura foi adotado o método descritivo de caráter quanti-qualitativo, afim de melhor demonstrar os resultados da pesquisa.

Para a fundamentação teórica, contou-se com as pesquisas através de livros, dissertações e artigos científicos já desenvolvidas na área de literatura surda, poesia sinalizada, buscando obras e estudos principais dos autores: Arrojo, Albres, Quadros, Barros, Klamt, Sutton - Spence, dentre outros.

O Trabalho está dividido em cinco capítulos, no primeiro versará sobre as características da Tradução/interpretação língua de sinais no contexto educacional, trazendo pontos chaves das diferenças e semelhanças entre os termos, como também explanado o universo de atuação nesse cenário; o segundo abordará sobre Literatura surda e a poesia sinalizada apresentando conceito do que é a literatura sinalizada, a poética em sinais, e sua importância para a comunidade surda, além disso destacará as características do gênero para a formação do sujeito surdo.

O terceiro capítulo abordará sobre o gênero poema no contexto de sala de aula, destacando que tipo de texto é esse, suas características e de que forma esse gênero literário pode contribuir na a formação do aluno surdo, quais capacidades este pode desenvolver. Dentro do mesmo, ainda abordará acerca da interpretação do referido gênero da língua oral para a língua de sinais, apresentando características que as diferenciam e que se assemelham entre ambas, quais as estratégias de interpretação devem ser realizadas, como e para quê.

Por fim se tem a pesquisa no quarto capítulo, fazendo uma descrição de que forma esta foi realizada e as características dois participantes em relação qual tipo de formação, tempo de

atuação, estes sendo considerados fator preponderante para a descrição dos dados da pesquisa posteriormente, além disso, este capítulo faz uma análise profunda acerca de como os participantes se posicionaram frente a temática, trazendo em forma de gráficos e tabelas as opiniões dos TILS, para que assim fossem melhor explanados e analisados.

1 TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A tradução é o ato de verter, transpor de uma língua para outra, seja oral, escrita ou sinalizada, logo para Ladmiral (1979 apud Santos, 2014, p.43), define tradução como “ processo de mediação entre línguas diferentes, em que se transmite informações entre seus interlocutores”.

Ela apresenta características específicas, por exemplo, o tempo é flexível, disponibilidade de fontes de pesquisas a seu favor, auxiliando na busca de termos equivalentes na adaptação do texto fonte para o texto alvo; ambos os textos se encontram na modalidade escrita (sendo registrada de forma física ou gravado).

Na tradução é possível refletir sobre o trabalho, interromper, retomar, consultar livros, fontes de informação, pessoas, outras versões realizadas para a mesma obra, e após o texto ser escrito ele pode ser revisado, alterado, adequado diversas vezes até chegar à melhor forma de expressar os sentidos pretendidos pelo autor na língua de partida. (LACERDA, 2011, p. 18).

Santos (2014, p.49) “a interpretação consiste em ressignificar ou especificar algo inacessível ao sujeito leitor”. A interpretação é apresentada como ligada a modalidade da língua de modo usual, seja ela oral ou visuo/espacial, caracterizando-se de modo consecutiva ou simultânea. A modalidade consecutiva dar-se primeiramente pela observação, ou seja, o intérprete primeiro escuta o discurso, e depois de compreendido a mensagem relata para outra língua. Já a segunda, a modalidade simultânea acontece em conformidade com o discurso proferido, isto é, sem pausas, assim, diferentemente da tradução, esta sofre a determinação do tempo; seus agentes do discurso estão presentes através dos textos falados ou sinalizados.

Em meio a essa retrospectiva histórica, vale ressaltar que tradução e interpretação são termos que a princípio parecem ser semelhantes por focarem no uso em comum que são “línguas”, mas ambas em sua especificidade apresentam características divergentes, o primeiro tem o caráter flexível, ligado a textos de cunho escrito, tendo, portanto, o tempo ao seu dispor, mais acessibilidade na consulta de materiais. Em contrapartida, o ato interpretativo é imediato, versa de uma língua para outra de forma simultânea e consecutiva, num curto espaço de tempo. Entre os termos tradução e interpretação as funções que se destacam tornando-se fundamentais são as operacionais, ou seja, na tradução é possível que o profissional consiga refletir, retomar quantas vezes quiser para avaliar seu texto de chegada, consultar materiais que auxiliem na realização do seu trabalho, e isso se dá de um texto escrito para um outro texto escrito, em

contrapartida, a interpretação se efetiva entre línguas orais, ou também entre língua oral e uma língua de sinais, nesse processo todo o conhecimento, vocabulário precisa ser revisado anteriormente, sendo disponibilizado previamente, pois ao decorrer do exercício este não contará com auxílio de recursos de pesquisa, ele mesmo é a sua fonte de pesquisa, do qual se concretiza através de processos mentais numa velocidade precisa.

Contudo, entre a notoriedade da distinção entre ambos os termos, os mesmos são intrínsecos, pois um complementa o outro de modo que se des (constrói) sentindo de um texto, seja ele oral ou escrito, ou seja, ambos dialogam com o texto, numa relação em que ambos produzem novos sentidos, sem modificar sua essência, para Barros (2015, p.46) “antes mesmo de iniciar uma tradução é necessária interpretar”. Logo, pode-se dizer que a partir do fragmento mencionado que todo tradutor é um intérprete e que todo intérprete é um tradutor, no qual ambos trabalham textos cada um na sua especificidade, mas com o objetivo de traduzi-lo fielmente², fazendo mudanças e adequações estruturais de uma língua para outra, contudo, sem tirar sua essência no original (o sentido), como Rosa (2005, p.68) conclui dizendo “A tradução nos obriga a investigar detalhadamente a função de cada palavra, esquadrihar atentamente o sentido de cada frase e, finalmente, reconstruir a paisagem mental do autor (...)”.

Deste modo, tal prática foi se consolidando na medida em que o mundo se desenvolvia, em meio a comunicação, informação, expansão em diversas áreas, despertando assim nos indivíduos a necessidade de se locomoverem em busca de novos estilos de vida, despertando por sua vez a necessidade de relaciona-se com o outro, não somente dentro da sua comunidade, mas também com outras culturas, regiões e etc.

Se na antiguidade a tradução/interpretação era vista como uma atividade indispensável para diversas situações sejam nas relações comerciais ou diplomáticas, atualmente a mesma se tornou cada vez mais evidente, pode-se observar que está presente na área educacional, televisiva, jurídica, médica.

Nesse sentido, enfatizando o contexto educacional, a atividade de interpretação em língua de sinais, foi se desenvolvendo a partir do momento quando a comunidade surda começou a buscar novos espaços, a lutar por direitos, como o reconhecimento legal da língua

² A fidelidade no processo de interpretação nesse contexto significa dizer que segundo Lacerda (2011, p.16), diz que “ não pode estar focalizando apenas no nível linguístico, mas precisa levar em conta aspectos culturais e situacionais e é por isso que a ênfase deve estar na passagem dos sentidos”. Logo na Tradução e interpretação é possibilitar que a mensagem do texto original seja concebido e mantido o seu sentido para outra língua sem comprometê-lo semânticamente.

de sinais, garantindo por sua vez o direito de acesso e permanência em vários espaços da sociedade.

É importante destacar em meio a esse processo de conquista de espaço, a atividade de interpretação começou de forma voluntária, dentro da própria família, e até mesmo nas igrejas, somente quando os surdos e a língua de sinais conquistaram espaços, a atividade se intensificou e propagou para valorização da mesma. Tal afirmação pode ser observada a seguir:

A história da constituição deste profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto atividade laboral na medida em que os surdos foram conquistando o seu exercício de cidadania. A participação de surdos nas discussões sociais representou e representa a chave para a profissionalização dos tradutores e intérpretes de língua de sinais. (QUADROS, 2004, p. 13).

Assim, a tradução e interpretação no contexto educacional vem sendo reconhecida como um instrumento de acessibilidade para o aluno surdo, de modo que o processo interpretativo auxilie a comunicação, interação nos diversos espaços educacionais.

Salienta-se que o processo de tradução /interpretação não é algo tão simples, mas requer do profissional competências linguísticas e extralinguísticas para sua atuação, isto é, a competência requerida a estes profissionais são a comunicativa e a tradutória, tornando –as diferentes, pois nem todo indivíduo que possua competência em uma ou mais línguas tem a capacidade de traduzir, porque como afirma Neves (1998, p.73) que “A competência gramatical ou linguística se detém ao código linguístico, das estruturas e regras de pronuncia cujo objetivo é o da acuidade na expressão e compreensão.

Em outra perspectiva, a competência tradutória conforme Albir (2005, p.19):

Embora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui competência tradutória. A competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores. (ALBIR, 2005, p. 19).

Embora qualquer falante bilíngue possua habilidades comunicativas, entretanto não significa que este falante pode desempenhar a função de um tradutor/intérprete, pois para o exercício da profissão são necessários conhecimentos específicos que somente serão proporcionados por uma formação específica, por ser caracterizado um processo altamente complexo porque não é focado somente na versatilidade de uma língua para outra, do falar, se comunicar, mas são exigidas competências linguísticas e extralinguísticas, são necessários portanto, conhecimentos que vão muito além do falar e ou sinalizar, mas sobretudo é levado em consideração os aspectos sociais, emocionais, culturais presentes no texto, seja oral, sinalizado

ou escrito.

(...) o trabalho de interpretação não pode ser visto, apenas, como um trabalho lingüístico. É necessário que se considere a esfera cultural e social na qual o discurso está sendo enunciado, sendo, portanto, fundamental, mais do que conhecer a gramática da língua, conhecer o funcionamento da mesma, dos diferentes usos da linguagem nas diferentes esferas de atividade humana. Interpretar envolve conhecimento de mundo, que mobilizado pela cadeia enunciativa, contribui para a compreensão do que foi dito e em como dizer na língua alvo; saber perceber os sentidos (múltiplos) expressos nos discursos. (LACERDA, 2009, p. 21).

No campo educacional o profissional de interpretação, os Tils - Tradutores /Intérpretes de língua de Sinais atuam como mediadores nas relações entre alunos surdos com alunos ouvintes e professores.

Ressaltando acerca da diferenciação em tradução e interpretação, esta última se classifica em consecutiva e simultânea, destacando-se como a mais comumente utilizada, Quadros (2007, p.78), ressalta que “o processo que o intérprete submete-se é complexo e quer o mesmo está diante de processamento de informação simultânea”, logo a autora propõe modelos no processamento de tradução/interpretação, classificando-os em cognitivo, interativo, interpretativo, comunicativo, sociolinguístico e o processo de interpretação bilíngue/bicultural, estes sendo apresentados e caracterizados como:

Ênfase no significado e não nas palavras; Cultura e contexto apresentam um papel importante em qualquer mensagem; Tempo é considerado o problema crítico (a atividade é exercida em tempo real envolvendo processos mentais de curto e longo prazos); Interpretação adequada é definida em termos de como a mensagem original é retida e passada para a língua alvo considerando-se também a reação da audiência. (QUADROS, 2007, p. 78).

Diante disso, no contexto educacional, sala de aula, o processo de interpretação torna-se conflituoso, pois o profissional recebe das mais variadas informações em diversos contextos.

Portanto a relação professor e tradutor / intérprete será relevante de modo que coopere com o serviço deste, facilitando o processo informação e comunicação, transmissão do saber para alunos surdos, pois faz-se necessário destacar que este profissional não domina todas as áreas do conhecimento, tais como matemática, português, literatura, dentre outras, logo tornasse essencial que o mesmo tenha acesso previamente desse material trabalhado ao longodas aulas, para que o possa compreender, realizando pesquisas de termos específicos, vocabulários e contextos desconhecidos, buscando estratégias que melhor se adeque de uma língua para outra.

Santos (2014), confirma o discurso anterior apresentado que a interpretação em sala de

aula é uma tarefa complexa, a qual exige saberes específicos como também adote uma postura adequada e uma parceria com o professor. No mesmo sentido, Lacerda (2009, p.35) complementa dizendo:

(...) o trabalho do IE vai além de fazer escolhas ativas sobre o que deve traduzir, envolvendo também modos de tornar conteúdos acessíveis para o aluno, ainda que implique solicitar ao professor que reformule sua aula, pois uma tradução do ponto de vista linguístico nem sempre é a melhor opção educacional para proporcionar o conhecimento (...). (Lacerda, 2009, p. 35).

Portanto, a tradução /interpretação no contexto educacional é ir muito além do simples ato de versar de uma língua para outra, e que competências e habilidades este IE deve ter no decorrer de sua atuação, em relação a isso, Lima faz a seguinte afirmação sobre os conhecimentos exigidos para a sua prática que “conhecimento sobre os conteúdos, sobre a área de conhecimento, sobre as atividades pedagógicas e sobre a(s) pessoa(s) surdas com quem vai trabalhar são imprescindíveis para um trabalho eficiente” (LIMA, 2006, p. 51).

Em suma, para a interpretação é importante que tenha conhecimento sobre as suas práticas, conhecer seu espaço de atuação, os costumes, qual o público que espera pela mensagem, suas dificuldades, para que assim a partir desses aspectos possa adaptar sua prática de modo que facilite a compreensão do sujeito de forma eficaz tornado esse aprendizado mais dinâmico e prazeroso.

2 A LITERATURA SURDA E A POESIA SINALIZADA

Para compreender literatura surda, primeiramente é necessário conhecer o que é a cultura surda, logo ela tem em seus conceitos sendo como os conhecimentos de um povo, seus costumes, leis, cujos indivíduos estejam inseridos, Strobel fala acerca da cultura dizendo que “O vocábulo "cultura" vindo do latim significa o cuidado dispensado a terra cultivada”, complementando ainda, Strobel (2009) citando Eagleton diz que “o conceito da cultura, etimologicamente raciocinando, proveniente do de natureza, sendo que um dos significados originais e lavoura ou cultivo agrícola”. Isto mostra que o cultivo da linguagem e da identidade, entre os elementos fundamentais de urna cultura.

Diante disso a cultura nesse contexto é uma marca de identidade, onde tais sujeitos membros desta, podem desenvolve-se em conjunto. Por tanto, cada país, possui sua cultura, sua forma de viver representadas através da língua, está sendo o fator identitário cultural de um povo, como também a arte, leis, moral.

Assim, as pessoas surdas, que interagem com o mundo através de experiências visuais, apresentam um modo de viver diferente, segundo a visão de Strobel (2009, p.24) ela destaca a cultura surda como:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torna-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas e os hábitos de povo surdo”. (STROBEL, 2009, p. 24).

A língua nesse contexto cultural, cumpre um papel fundamental, pois é dada a ela a maior marca de uma identidade de um povo, assim, na comunidade surda, que não habitam no mesmo espaço, mas em regiões diferentes, sendo considerados como minorias linguística, tendo também influência dos costumes e manifestações culturais dos ambientes ocupados, mas estes tem algo em comum e por isso eles estão interligados, através de um modo de viver, de se comunicarem, de perceber o mundo em sua volta que é destacada através de uma língua de modalidade visou especial, as línguas de sinais, assim Perlin (2004 apud Barros, 2015, p.32), diz que os surdos, baseado nessas características acima citadas, vivendo em vários locais do mundo, desenvolveram formas particulares e distintas de línguas de sinais afim de demonstrar

suas opiniões, seus posicionamentos, suas emoções, seus pensamentos e sentimentos. Strobel (2008 apud Barros, 2015, p.32) enfatiza o discurso acima citado destacando que “a importância da experiência visual é enfatizada na literatura e nas artes produzidas pelos surdos. Esses veículos também são utilizados para transmitir a experiência de ser surdo as gerações de surdos mais jovens”.

A literatura surda é a manifestação de uma identidade, registro de uma memória cultural de um povo surdo, a qual é reconhecida através de uma língua que utiliza como canal de comunicação e expressão, um sistema linguístico próprio caracterizado como visual-espacial, denominado como língua de sinais, ela é desenvolvida por e para surdos com o objetivo de informar e registrar os fatos ocorridos pela comunidade surda, cujos textos possuem características inerentes sobre histórias próprias, adaptações de clássicos da literatura repensadas sobre a visão da comunidade surda é ainda resgate e exposição de várias representações de identidades, as quais passaram por determinados conflitos, caracterizam-se por conter e apresentar as várias identidades e memórias.

Para Karnopp (2006, p.102) literatura surda “é a produção de textos literários em sinais, em que a surdez como presença de algo e não de falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando – os como um grupo linguístico e cultural diferente”. Todavia, a autora ressalta que há possibilidade de:

[...] encontrar formas de escrever e apresentar as histórias que traduzem a modalidade visual que os surdos utilizam para narrar as histórias de vida, piadas, mitos, lendas... sem perder o movimento que as mãos produzem, as expressões corporais e faciais que vão construindo e desvendando o enredo, as personagens, o cenário. Para isso, acreditamos que é necessário produzir material bilíngue (língua de sinais e língua portuguesa), coletar histórias contadas por surdos e garantir a participação de surdos e intérpretes no processo de tradução de histórias sinalizadas. (KARNOPP, 2006, p. 102).

Assim, diferentemente da literatura de línguas orais, que no Brasil passaram a ser registradas a partir do ano de 1500 através da escrita, com a produção de poemas, crônicas, narrativas e etc; a literatura surda somente pode ser registrada na contemporaneidade através do surgimento de tecnologias que auxiliasse os registros de tais manifestações, como em vídeos, DVDs, mesmo acreditando que os povos surdos, os mais velhos expressavam-se em sinais nos encontros informais, contando histórias, piadas.

Vale ressaltar que os surdos são uma minoria linguística e habitam em espaços e lugares diferentes de seus pares, logo convivem mais com a comunidade ouvinte em lugares como: escolas, no seio familiar e no trabalho, logo esse distanciamento e provoca

no indivíduo surdo a necessidade de interação, uma vez que a comunidade maior não se comunica ou desconhece a língua deste povo, assim os mesmos marcam encontros em associações de surdos, para se socializar, trocar ideias, ou seja uma forma de libertação, cujo espaço torna-se como um local de preservação, firmamento de uma cultura, através da troca de experiências diárias, como lutas, além do momento de entretenimento, o contar histórias. Tais características podem ser observadas em Kyle & Allsop (1982 apud Karnopp, 2010, p.162):

A comunidade surda é diferente de outras comunidades linguísticas em muitos aspectos, já que eles não estão geograficamente em uma mesma localidade, mas estão espalhados em várias partes do mundo. Pessoas surdas não trabalham em um mesmo local. Em alguns centros urbanos, eles encontram seus pares surdos somente duas ou três vezes por semana e passam a maior parte de seu tempo em um mundo ouvinte. Esse fato produz um padrão de comunidade em que o tempo que os surdos permanecem juntos é fragmentado; por outro lado, são extremamente próximos uns dos outros. Essa característica social faz com que pessoas surdas mantenham suas vidas na comunidade surda, participando da associação de surdos, realizando atividades conjuntas, estudando em uma mesma escola, empreendendo lutas e reivindicações conjuntas. (KARNOPP, 2010, p. 162).

É importante destacar que nem todos os surdos apresentam tais características, nem todos falam a mesma língua, ou até mesmo desconhece-a, assim um dos fatores primordiais para esse registro cultural é a própria língua de sinais, cujos povos estão interligados por um código, a qual torna-se uma identidade e a maior manifestação de uma cultura. Além desse fator, é necessário destacar que embora os surdos se comuniquem através de um código visual, mas cada país tem sua língua e conseqüentemente sua cultura se diferencia das demais em diversos espaços geográficos, mesmo estando interligados por algo em comum que é a “língua”, a forma de expressão, o reconhecimento e sua valorização por uma maioria.

Dessa forma, a comunidade vem ser o espaço de aconchego e libertação para um povo, dentre os entraves de uma sociedade cuja maioria são ouvintes, e todo o seu meio não se torna inclusivo, vendo-os como deficientes e não como diferentes, em que os estilos e aspectos da vida cotidiana são ouvintistas. Assim, estes tentam interligados por um modo de vida, uma cultura, interagir, lutar, sonhar, buscar algo em comum. Bauman (2003, p.19) adverte que:

A comunidade de entendimento comum, mesmo se alcançada, permanecerá, portanto, frágil e vulnerável, precisando para sempre de vigilância, reforço e defesa. Pessoas que sonham com a comunidade na esperança de encontrar a segurança de longo prazo que tão dolorosa falta lhes faz em suas atividades cotidianas, e de libertar-se da enfadonha tarefa de escolhas sempre novas e arriscadas, serão desapontadas. A paz de espírito, se alcançada, será do tipo “até segunda ordem”. Mais do que com uma ilha de “entendimento natural”, ou um “círculo aconchegante” onde se pode depor as

armas e parar de lutar, a comunidade *realmente existente* se parece com uma fortaleza sitiada, continuamente bombardeada por inimigos (muitas vezes invisíveis) de fora e frequentemente assolada pela discórdia interna; trincheiras e baluartes são os lugares onde os que procuram o aconchego, a simplicidade e a tranquilidade comunitárias terão que passar a maior parte de seu tempo. (BAUMAN, 2003, p. 19).

Nesse contexto de culturas, identidades de um povo surdo, traz consigo um dos processos de configuram-se em registros através de uma literatura, uma memória que cumprirá o resgate e eternização da manifestação de um conjunto.

Em outras palavras, a literatura surda segundo Klamt (2014), pode ser produzida em língua de sinais ou em língua oral através da escrita e também através da modalidade escrita de sinais (sign writing), sendo apresentada por pessoas surdas ou ouvintes, a qual tem como principal objetivo apresentar as experiências surdas. Nela diversos temas são abordados, tais como a literatura surda sobre surdos, na qual apresenta história do povo, suas memórias, suas lutas; além disso, existe também a produção escrita por surdos em língua de sinais que por sua vez pode ser realizada por adaptações de textos escritos na língua oral para a língua de sinais de um país como também a tradução de histórias contadas em uma língua de sinais para uma outra língua de sinais de um outro país; e por fim as produções criadas em língua de sinais.

Segundo Klamt (2014, p.31), “a literatura sinalizada inclui poemas, adivinhas, fábulas, piadas, narrativas de experiência pessoal, jogos linguísticos, lendas etc.”, tais aspectos da literatura sinalizada estão caracterizados pelo o folclore surdo criado a partir do conceito “signlore” que usa para se referir as produções em língua de sinais e a divulgação da cultura dentro da comunidade surda.

Portanto, a literatura surda, a literatura sinalizada é o registro de uma cultura, a qual traz consigo as experiências vividas ao longo do tempo, com o objetivo de registrar e divulgar a memória do povo surdo, uma forma de expressão das relações de convívio na sociedade de ouvintes, das opressões sofridas, das conquistas, deixando as futuras gerações suas histórias, sua identidade, seu modo de viver.

3 O GÊNERO POEMA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA

Para falar sobre gênero literário “poesia”, é necessário conhecer o que é tipologia textual e gêneros textuais, destacando que embora sejam semelhantes, mas não apresentam as mesmas especificidades, o primeiro caracteriza-se por sua estrutura e composição linguística de forma fixa, já o segundo é tido pelo uso da linguagem no cotidiano, ela é mutável e flexível.

Tipos ou tipologia textual é designados a textos cuja estrutura é fixa, não flexível e está condicionada a natureza linguística aos aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, estilo, ou seja, tais aspectos ligados a estrutura composicional do texto. Logo pode-se citar: Narrativo, Descritivo, Dissertativo e Injutivo.

Os gêneros textuais são textos que ganham forma no uso cotidiano, a diversas situações comunicativas, estes por sua vez caracterizam-se pela aplicação dos tipos textuais, mas no uso infinito de produção diariamente, pela enunciação, em diversos contextos de comunicação e expressão, sejam orais ou escritos. Pode destacar que estes são dinâmicos e variam de acordo com as mudanças sociais – históricas, tecnológicas. Assim, pode-se citar: telefonema, carta, reportagem, e etc. Marcuschi (2008) entende por gêneros textuais como:

(...) um empreendimento cada vez mais cada vez mais multidisciplinar. Assim, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultuosa da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. (MARCUSCHI, 2008, p. 149).

Nesse contexto, o uso do termo “gênero”, tem suas origens no ocidente, na antiga Grécia Clássica com o filósofo Platão e posteriormente com Aristóteles. O uso deste termo nesse período era somente voltados para a literatura, ou gêneros literários, diferentemente nos tempos atuais os quais se manifestam em diversas formas e especificidades, o qual apresentará várias faces, tipos, estruturas, dependendo da situação comunicativa cujo emissor esteja produzindo.

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada ao (gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quítiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX. Atualmente, a noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura, como Swales (1990: 33), ao dizer que “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”. (MARCUSCHI, 2008, p. 147)

Assim, com Aristóteles nascia o gênero literário denominado como épico, lírico e dramático. O gênero lírico, tinha como característica no seu texto a subjetividade, carregado de

emoção, sentimento, transmitindo ao leitor a condição em que o eu (lírico) que não é o autor do texto, mas a voz que fala dentro do poema, o qual é responsável em externar toda emoção para o receptor.

O épico é conhecido como uma narrativa que abordava uma temática histórica, tendo por objetivo relatar os feitos heróicos, fatos de determinado povo, cujo autor apenas narrava apenas através da observação, sem interferir com opiniões, ou juízos de valor em relação ao que estava sendo contado.

Por sua vez, o gênero dramático, segundo Aristóteles como a palavra representada, isto é, organizado através de um discurso (palavras), gestos, apresentado por pessoas (atores) num determinado espaço. Dentro deste, destaca-se a tragédia e a comédia. O primeiro tinha em sua composição algo mais formal, pois para Nasseti (s.d, p.35) é “ação apresentada, não com a ajuda de uma narrativa, mais por atores, e que, suscitando a compaixão e o terror, tem por efeito obter a purgação dessas emoções”, a nesse gênero cujos personagens reproduzem imitação de situações, produzindo para quem assiste um conjunto harmonioso de representação de acontecimentos diários. A comédia, entretanto, apresenta aspectos cômicos e informais, é “imitação de maus costumes, não contudo de toda sorte de vícios, mas só daquela parte do ignomioso que é o ridículo” (NASSETI, s.d, p.33).

Diante dos gêneros propostos por Aristóteles, a poesia faz parte do gênero lírico, pois em sua estrutura e organização apresenta uma especificidade, com uma linguagem própria, propiciando ao leitor navegar nesse universo de subjetividade e sentimento, o qual não só aceita o que o texto relata, mas o mesmo é levado a (re) criar de acordo com os conhecimentos prévios adquiridos, como Fiorin (2007) diz que umas de suas principais características é o plano da expressão, que não somente tem como foco a vinculação de conteúdo, mas também de recriá-lo.

Sobre as características do gênero literário o autor afirma que:

Fruir um texto literário é perceber essa recriação do conteúdo na expressão e não meramente compreender o conteúdo; é entender os significados dos elementos da expressão. No texto literário, o escritor não apenas procura dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de modo que, nele importa não apenas o que se diz, mas o modo como se diz. (FIORIN, 2007, p. 351).

O poema é um tipo de texto pertencente aos gêneros literários, cuja especificidade é destacada por usar as palavras de forma estética, ou seja, tem por sua vez a arte como matéria prima, assim, é altamente subjetivo, logo seu foco não é se deter com a sintaxe, mas em contrapartida, as palavras acabam sendo transformadas, lapidadas, construídas através da

intuição do autor, não se preocupando com sua estrutura gramatical, mas seu objetivo é externar sentimentos através da palavra, da linguagem em sua forma oral, escrita ou sinalizada, afim de impressionar o leitor, despertando diferentes emoções.

Logo o texto poético é estruturado de uma linguagem estilizada, conotativa, que busca sempre criar e unir associações estranhas e inesperadas, em virtude disso segundo Fiorin (2007) ressalta que tais textos fazem uso de mecanismo como a metáfora e metonímia.

A poesia por sua vez é um termo que tem sua etimologia no latim, *poesis*, reconhecida pelo conceito estético através das palavras em forma de verso ou prosa. De acordo com o dicionário Michaellis, poesia é a arte de compor versos com rimas, cujo autor expressa ideias, emoções; ela é capaz de manifestar sua beleza através do jogo de palavras, do ritmo, assim percebe-se a partir da seguinte descrição que poesia é exatamente segundo Paz (1982, p.15) “conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro”.

Ao analisar o seguinte fragmento na visão de Paz, tem-se a o entendimento da grande manifestação da poesia ao ser considerada como o “belo”, pois transcende todas as emoções, capaz de libertar, ela é linguagem viva, através da música, dança, um misto de significado nos faz refletir tudo em nossa volta, ela é função social que chama atenção, que modifica e transforma um contexto, um meio.

Na escola, ele exerce a função de influenciar e transformar o ambiente de ensino, levando os alunos a refletir aspectos da vida em todas as suas esferas, de externar seus sentimentos.

Nesse aspecto, devido à complexidade que o texto poético carrega em si, o seu trabalho em sala de aula torna-se primordial, pois o mesmo não é apresentado apenas em sua composição estética, mas cumpre o objetivo de informar fatos oriundos em determinada época, leva os alunos a conhecerem tempos não vividos da história, pois ele traz consigo toda uma história, seus antecedentes, além disso, ela corrobora no contexto escolar na formação de leitores mais críticos e cidadãos mais conscientes. Diante disso, percebe-se que a leitura literária a partir desse gênero é capaz de:

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários

guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo o texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos. (COSSON, 2014, p. 50).

Nesse contexto pode-se destaca-se a grande contribuição desse gênero literário na formação do indivíduo, pois é observado que a literatura é capaz de levar ao mundo de ficção e fantasia de acordo com Candido (2004), sendo capaz de satisfazer uma necessidade do sujeito, de promover no indivíduo relações humanas, das interações, como também do relacionamento entre o homem com seu próprio espírito, segundo Todorov (2009):

A Literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir [...]. (TODOROV, 2009, p. 76).

Ainda a Nunes (2016, p.153) discorre sobre este gênero dizendo que:

É de fundamental importância que os educadores selecionem e busquem poemas que possam contribuir para a formação de leitores proficientes e competentes, pois, o trabalho com a poesia realizado em sala de aula pode sem dúvida alguma fazer o aluno apropriar-se da linguagem literária e também exprimir suas ideias e críticas. (NUNES, 2016, p. 153).

Assim, o professor em sua sala de aula deve ter uma metodologia e um cuidado na seleção de poemas que possam ajudar no desenvolvimento de leitores competentes, pois o trabalho com poemas possibilita no educando a reconhecer sua própria identidade, a refletir sobre a vida cotidiana, além de possibilitar o desenvolvimento da linguagem, exprimindo suas ideias e críticas.

Cosson (2014) fala que a leitura desses textos literários quando contextualizados promovem no sujeito:

(...) conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo o texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos. (COSSON, 2014, p. 50).

Portanto, a poesia na sala de aula exige um trabalho sistemático focado na criatividade como caminho para despertar a sensibilidade, assim o professor deve ter cuidados ao apresentar o texto poético, ou seja, pensar como irá ser essa introdução, quais abordagens serão necessárias, esclarecendo ao aluno a importância da atenção e da criação. Contudo, o professor deve manter-se centrado e com uma postura correta ao analisar a produção de seus alunos, não supervalorizando e ou também desprezando a suas produções, mas ao contrário deve incentivar o seu aluno na produção, reflexão, na autonomia, de modo que eles sintam o prazer, a liberdade que é proporcionado pelo mundo da imaginação na leitura destes textos. Sorrenti (2007), descreve essa ação como:

Na sala de aula, o trabalho com a poesia geralmente ocupa um tempo restrito, porque há muitos assuntos a serem estudados. Mas é preciso aconselhar o aluno a não entregar a criação poética ao domínio da pressa, do sonho e da inconsciência. Faz-se necessário ressaltar sempre a importância do raciocínio e da atenção. (SORRENTI, 2007, p. 52).

O mesmo complementa ainda dizendo:

O fazer poético pode estar ao alcance de todos, mas o professor deverá tomar cuidado para não incorrer em posturas extremistas: não supervalorizar imerecidamente o texto do aluno nem descartar e/ou desvalorizar as suas tentativas de criação poética. A poesia é um espaço de liberdade. Entre tantas formas de poesia, certamente haverá uma que vai fascinar o nosso aluno. (SORRENTI, 2007, p. 52).

A partir da compreensão dos aspectos do gênero literário poesia, suas características, sua importância na formação de sujeitos críticos, autônomos, reflexivos, ela também reflete para alunos surdos a mesma competência comparando aos alunos ouvintes, pois para estes sujeitos ela é o resgate de uma memória de uma comunidade contada através de uma língua de sinais, sendo registrada através de vídeos para que assim passe de geração a geração, relatando os feitos de um povo, através de suas histórias de vida.

No contexto escolar, sala de aula, estes educando contam com a ajuda do TILS em consonância com o professor, apresentando as informações do texto, levando assim a refletir sobre os aspectos desse gênero, ajuda-los a criar suas próprias poesias. Logo tais essa relação entre a apresentação entre o poema escrito e sua interpretação em língua de sinais é mediada e se destaca através de segundo Sutton (2005 apud Santiago, 2012, p.06), “destaca o dialogismo entre o visual e o textual, e entre o autor, o tradutor e o leitor, enquanto explora a relação entre ilustrações em textos infantis, juvenis, as palavras no texto e a tradução de libras”.

3.1 Interpretação do gênero “poema” da língua oral para a língua de sinais

O texto poético possui uma linguagem específica e uma estrutura própria, na língua oral o mesmo possui um conjunto de fatores para sua produção, ele é composto por versos que se organizam em estrofes e o esquema de rimas. Tais fatores são percebidos através da sonoridade. Em contrapartida, em língua de sinais, a poesia é expressada de forma distintas das línguas orais devido a sua estrutura e modalidade linguística, ou seja, uma língua visual/motora, a qual tem como canal principal de comunicação as mãos, o corpo para se expressar, cujos indivíduos falantes da língua tem o campo visual para a recepção da informação. Logo, na performance da poesia da língua de sinais é utilizado aspectos inerentes a língua, como a incorporação, simetria, classificadores, olhar, uso do espaço. Conforme Barros (2015, p.19), ressalta que o trabalho de tradução /interpretação do de textos do gênero poema de uma língua oral para uma língua de sinais não é uma tarefa nada fácil, pois este trabalho envolve aspectos que ultrapassam fatores textuais e linguísticos, tais dificuldades se atenuam devido as especificidades da linguagem empregada e a diferenças existente ambas as línguas. Assim, a autora sugere que para o exercício da atividade requer que o tradutor adote estratégias para a interpretação do texto alvo para o texto de chegada, pois “nos poemas, a confluência e o uso criativo de signos verbais e não verbais como figuras de linguagem, expressões idiomáticas, elementos poéticos, ritmo, elementos visuais, dentre outros sugerem questões tradutórias específicas.”

Diante disso é importante falar que a interpretação reflete de como eficaz quando há o reconhecimento devido a sua especificidade do tipo de texto, logo para a interpretação será necessária o conhecimento e o domínio das características do texto o qual irá receber as informações intrínsecas a ele, Serra (2014 apud Barros 2015, p.47), diz que “o conceito de texto literário à combinação intencional e criativa entre um signo gráfico e os signos linguísticos com o objetivo de produzir uma relação significativa simbólica”.

Ainda sobre a recepção do texto literário, pela comunidade interpretativa Arrojo (2003) destaca que o leitor a partir de seu conhecimento de mundo e o contexto o qual está inserido faz objeções, fazendo ponderantemente as suas escolhas que o mesmo executa para sua interpretação, para Barros (2015, p.48):

(...) compreender a tradução poética como uma atividade desafiadora e cujo resultado, apresentado em forma de novo poema, refletirá escolhas e estratégias tradutórias que não encerram em si todas as possibilidades de leitura e de tradução do poema de partida. (BARROS, 2015, p. 48).

A poesia em língua de sinais apresenta características exclusivas, que para Spence (2014, p.207) são consideradas como “performance altamente visuais que combinam gesto de

expressões como elementos linguísticos”. Em contrapartida, nas línguas orais tal aspecto do texto poético, sua expressão é percebida através da tonicidade, o uso da voz, como também do corpo para produção de sentidos.

Nesse contexto, entre o texto poético e a interpretação e torna notória devido ao uso do plano de expressões, pois o texto não se encontra no papel, mas sim no corpo do sinalizador, Nelson (2006 apud Klamt, 2014, p.27) diz que:

As pessoas surdas têm um relacionamento inerentemente físico com o texto porque a língua de sinais vive em seu corpo e se expressa por meio da face, do rosto, da cabeça, das mãos, do tronco. Criar e dar expressão a um poema requer que o poeta o sinalize, quer sozinho ou em frente a um público. [...] [Assim], uma pessoa que vê (lê) um poema em ASL1 experimenta o poema por meio do corpo do poeta-performer. A língua de sinais literalmente fornece um novo espaço para a literatura existir. (KLAMT, 2014, p. 27).

A poesia em língua de sinais possui alguns pontos semelhanças com as línguas orais, pois ambas trazem os recursos da estrutura poética como o ritmo, e aspectos que demonstram a harmonia, simetria dentro do poema, mas vale destacar que em virtude da diferença entre as línguas e suas respectivas modalidades, há elementos que são intrínsecos a cada uma, isto é, na poesia em língua orais, existem elementos como a métrica, estrofes, rimas, em contrapartida, nas línguas de sinais são observados outros elementos como a ambiguidade, neologismos, uso do espaço sub-rogado (personificação), repetição de parâmetros fonológicos, simetria, recursos estes quando associados, podem contemplar o ‘belo’ da linguagem estética, revelado através do plano das expressões faciais e corporais que se sobrepõe aos sinais, dando vida ao poema. Deste modo fazendo um comparativo, tais aspectos na poesia em línguas orais é percebido através da sonoridade, entonação, na declamação do poema.

Sutton-Spence (2008), fala que as poesias em língua de sinais utilizam-se de uma maneira mais intensa a linguagem com o objetivo de evidenciar um modo artístico, essa característica foi convencionalizada no ano de 1990 através da poetisa surda inglesa Dorothy Miles, chamando atenção a esse efeito artístico denominado como “Sign Art”, traduzido para o português como sinal-arte, o qual cumpre a função de chamar a atenção do público para o efeito literário.

Na estrutura da poesia sinalizada, pode ser destacado alguns elementos que são inerentes dentro da língua de sinais, como os parâmetros, ambiguidade, simetria, neologismos, o uso do espaço, como também contemplar com maior intensidade as expressões faciais e corporais, pois estas cumprem uma função essencial na interpretação. Portanto, o primeiro aspecto a ser

analisado é o aspecto da ambiguidade, recurso este que na língua de sinais somente são percebidos quando empregadas a um contexto, que por sua vez cumpre uma função primordial no campo da linguagem, pois permite o uso de diferentes significados sem precisar utilizar vocábulos extras.

Partindo para outro aspecto, os neologismos, que nas línguas de sinais também são possíveis a realização desse recurso, para Quadros e Sutton- Spence (2014, p.147), esse fator está “relacionamento à maneira como os sinalizantes podem produzir imagem visual forte pelo tratamento criativo da forma visual dos sinais”, tal aspecto só é possível devido o uso expressivo forte, o apelo visual enfatizado na sinalização e nesse conjunto podem contemplar novos sinais. Dentro desse contexto, destaca-se o mofirmo elemento que faz parte do neologismo, caracterizado pela transição dos parâmetros, isto é, o uso de um parâmetro inicial, é semelhante ao parâmetro subsequente e portanto segundo Quadros & Sutton-Spence (2006, apud Barros, 2015, p. 92) demonstra “um efeito poético suave e elegante”.

Chegando aos aspectos das figuras de linguagem, a metáfora na língua de sinais, exerce a função de transformar o sentido do texto literal para o figurado, carregando consigo uma beleza em sua essência no jogo de palavras dentro de um contexto enunciativo, assim ela exige que o leitor busque o significado mais além do texto. Desse modo, Sutton-Spence (2005), diz que esse é caracterizado como um dos principais meios que tornam a poesia sinalizada a apresentar sua riqueza semântica, todavia utilizando um número reduzido de sinais.

Outro ponto a destacar pela autora é o uso dos parâmetros fonológicos, tais quais configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial e ou corporal, caracterizando assim como um fator de repetição que fomenta a produção de uma palavra ou setenças inteiras. Esses aspectos são primordiais na execução da poesia em LS, pois o sinalizador pode selecionar e utilizar estes itens lexicais retomando continuamente ao longo de sua performance .

A simetria por sua vez é responsável por representar o ritmo na língua de sinais, ela é o equilíbrio, característica esta presente tanto nas linuas de sinais como nas orais, destacando que nas linguas orais este aspectos são demonstrados através da combinação de palavras, vogais e consoantes que produzem um feito sonoro harmonico, já nas linguas de sinais este efeito é representado através do uso dos parâmetros, utilizando-se ambas as mãos simultaneamente de modo que elas possam interagir entre si.

Ainda sobre simetria, é importante mencionar que esta se apresenta em dois pontos: a

simetria temporal que indica sua estrutura rítmica, como rima, métrica, e as partes de repetição, dentro das línguas orais e nas línguas de sinais, sua estrutura gramatical está configurada pelo uso do espaço, ou seja, simetria espacial, cujo sinalizador pode fazer marcações, o qual retomar quantas vezes for necessário, podendo articular sinais ambas as mãos, como também fazendo marcações no mesmo. Um ponto a ser evidenciado ao uso do espaço segundo Barros (2015, p.95) é:

O espaço pode ser utilizado de forma gramaticalmente irregular. Há duas formas disso acontecer: o sinalizador pode articular dois sinais com significados diferentes ao mesmo tempo, um em cada mão; o poeta pode selecionar um espaço que será retomado frequentemente; ou ainda, os sinais podem ser deliberadamente colocados e mantidos em certas zonas durante períodos de tempo diferentes. (BARROS, 2015, p. 95).

Ainda, para Araújo (2013 apud Barros, 2015, p.95), enfatiza sobre a simetria:

É importante formadora da estrutura rítmica das poesias sinalizadas. Tais como mecanismos rítmicos adicionam significados extras às poesias. Uma poesia de ritmo mais rápido pode significar maior intensidade de emoção e os mais lentos transmitem sensações como paz, tranquilidade e amor. (BARROS, 2015, p. 95)

Ainda a autora complementa dizendo que “também pode representar metaforicamente conceitos abstratos como harmonia, equilíbrio, igualdade e paz, ou contraste e dualidade” (BARROS, 2015, p.95).

A personificação é considerada um dos elementos principais no uso de recursos para interpretação de textos adaptando da língua oral para a língua de sinais, ou caracteriza-se pela incorporação do personagem por parte do sinalizador, quando o mesmo dá vida ao personagem, isto é, no caso da poesia deixa de ser o eu, para ser o eu lírico, a voz que fala no poema. Este é descrito pelo uso do espaço como sub-rogado, quando há a incorporação do personagem.

Outro elemento preponderante que compõe a estrutura poética em sinais é o uso do espaço, mas antes de descrevê-lo é interessante mencionar que na língua de sinais existem três elementos que estabelecem a construção do discurso através da utilização de referências marcadas no espaço de sinalização, assim pode-se destacar tais elementos como: espaço real, espaço token e o espaço sub-rogado. Dentre estes, destaca-se o espaço sub-rogado, como elemento constituinte do processo de sinalização no poema, pois é através deste que os personagens ganham vida através da incorporação, em relação a este espaço em específico, “o sinalizador realiza uma espécie de encenação, assumindo o papel da entidade a qual se refere no discurso” Barros (2015, p.41), a autora complementa ainda dizendo que:

O uso do espaço sub-rogado, incorporação, na poética tem importância criativa.

Diferentemente dos outros espaços mentais, que se limitam às pessoas a quem se podem referir ou à presença ou não dos referenciados no ambiente no instante da enunciação, o espaço sub-rogado pode ser usado de maneira quase ilimitada. (BARROS, 2015, p. 41)

Tendo percebido as especificidades da língua de sinais e dos elementos contituíntes na poesia sinalizada, vale lembrar que a língua de sinais é uma língua com um sistema linguístico complexo a qual surgiu naturalmente dentro das comunidades surdas devido a necessidade comunicativa de interação, capaz de expressar conceito concretos e abstratos, se equiparando a qualquer outra língua oral, diferenciando-se apenas a sua estrutura interna e sua modalidade, ou seja, tendo como canal de comunicação o espaço visual, enquanto o português utiliza o oral-auditivo.

Diante disso, para o indivíduo surdo tudo passara ser visual, ele aprende não por um mundo sonoro, mas por um lado imagético, para as pessoas ouvintes o signo linguístico é sonoro, pois eles no processo de aquisição de linguagem aprendem através de uma associação entre o falar, ouvir e com a imagem (ícone) ou uma situação (contexto), mas para o surdo, tudo será visual, cujos fatos entre língua de sinais, ícone(imagem), situação, precisam estar entrelaçadas, para que num processo aprendido, o mesmo internalize conceitos o dando significados, como Machado (2016, p.114) diz que o processo de internalização, aquisição da linguagem dar-se-á por:

A forma da aquisição da linguagem é um simbolismo visual. Assim, quando lemos ou falamos com fluência, não “enxergamos” palavras nem “escutamos” a linguagem, mas interagimos com imagens idealizadas, com emoções resgatadas e com percepções cognitivas de valores transmitidos aos símbolos agrupados mentalmente. (MACHADO, 2016, p.114).

Diante do exposto, a interpretação de textos que possuem uma linguagem estética, criativa, ela é transmitida usando somente o seu sentido geral, não podendo ser interpretada dando sentido a cada palavra da língua oral, pois deve-se se atentar para as fatores que são considerados de uma importância dentro da literatura sinalizada, os aspectos inerentes a língua, assim a interpretação não é dada ênfase a palavra ou somente sinal, mas faz uso do corpo como o canal de expressão, sendo um recurso complementar ao falar com as mãos, logo Segala (2012 apud Sutton-Spence 2012, p. 209), analisa e descreve esse tipo de interpretação como “é de natureza linguística, mas também de base intersemiótica”, este aspecto pode-se demonstrar porque além da utilização da língua de sinais, o corpo criará formas, produzindo novos signos, auxiliando no entendimento do poema sinalizado, complementando ainda, Quadros e Sutton (2014, p.211) dizem que a tarefa do intérprete é “possibilitar o entendimento suficiente da

língua que permite a plateia usar a sua imaginação e recursos próprios para gerar o seu próprio significado do poema”.

Em língua de sinais, o poema está no corpo de quem produz, a interpretação não pode ser produzida literalmente na íntegra, tal fator é característica própria da LS, e pela especificidade da linguagem empregada no poema, os TILS precisam compreender o texto falado e assim fazer a sua tradução /interpretação buscando sinônimos para termos que não possuem um sinal específico, além disso para expressões de figuras de linguagem, os mesmos buscam adaptar o ditado, ou discurso fazendo uma associação no contexto para que o surdo possa compreender a informação do poema. Vale ressaltar aqui que, esse processo de detalhar o poema fazendo com que os alunos obtenham a compreensão, a sua percepção e o despertar de emoções é através da melodia guiada pela voz de quem declama, para surdo esse despertar é percebido totalmente pelo visual, através da linguagem corporal.

Os TILS têm que se embrenhar na interpretação poética como próprios atores, pois como Sutton-Spence e Campos (no prelo, p.14) falam que “os intérpretes de línguas de sinais de qualquer gênero têm que atuar nas suas traduções”, isto significa dizer que as interpretações por serem performáticas, por explorar essencialmente o corpo, na incorporação de um personagem, na velocidade de um sinal, torna-se uma habilidade essencial na realização desta atividade.

A interpretação diante do exposto é considerada uma tarefa árdua, complexa, pois por se trata de uma língua visual cujos sujeitos assimilam, internalizam fazendo associações com a imagem e o contexto, Bernardino (2000, p.66) é enfático em dizer que “o problema está em explicar como esses conhecimentos (conceitos) se integram para formar a cognição como um todo”, desta forma representar enunciados totalmente abstratos, requer deste profissional uma habilidade especial, no qual em tais contextos, principalmente em textos como poemas que utilizam de uma linguagem totalmente subjetiva e abstracionista, sua tarefa é, portanto, de modo imediato, simultâneo consiste em “encontrar ‘pistas’ de significados implícitos, em atentar a polissemia dos itens lexicais que expressam nos conceitos abstratos e em determinar, em cada enunciado, o que é expressado em função do contexto linguístico-educacional” (Machado 2014, p.115).

Nesse complexo jogo de palavras dentro de um texto poético, nas diversas produções de sentido, na busca de decodificar enunciados polissêmicos, buscando equivalente na língua alvo, a interpretação cumpre a função de(re) construir o texto fonte ao texto final, sem alterar o seu significado base, pois o seu significado deve ser preservado, e esse significado ele não é por

si só acabado, pronto, mas ele construído através das experiências e essa característica é percebida conforme a descrição de Lakoff (1988 apud FELTES, 2007, p.182-183):

Os sentidos se multiplicam porque a mente constrói na experiência, numa experiência com os outros, uma experiência reconstruída pela memória dessas experiências ou pelo sentido das interações que geraram esses sentidos, que os transformaram e que, de um modo ou de outro, em diferentes graus de consistência, orientam nossa vida interior e nossos modos de convivência. (FELTES, 2007, p.182-183).

Navegar num texto é exatamente isso que o autor defende, ele nos proporciona liberdade e (re)criação, o texto é completo, ele nos possibilita ir além, conhecer fatos oriundos de um determinado período, sem nem mesmo estarmos presentes, e a cada leitura possibilita ao leitor novas experiências, pois o mesmo consegue ter várias interpretações a partir do conhecimento prévio e as vivências cotidianas.

4 A PESQUISA

4.1. Introdução

A pesquisa segundo Gil (2002) é “(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”, logo a pesquisa é dividida em fases, da qual surge a partir de uma indagação (problema), cujo objetivo do pesquisador é achar uma resposta por dado tema o qual queira se investigar.

Assim, nesse procedimento é necessário um planejamento prévio, saber o que vai estudar, e onde pretende chegar com a pesquisa, cujo investigador na realização do seu trabalho, tem como foco conhecer algo para lhe satisfazer, ou conhecer para solucionar um problema geral, com a intenção de promover algo eficaz em prol de uma solução em resposta a um problema, como Gil (2002, p.18), diz que “uma pesquisa sobre problemas práticos pode conduzir à descoberta de princípios científicos. Da mesma forma, uma pesquisa pura pode fornecer conhecimentos passíveis de aplicação prática imediata”.

4.2. Caracterização geral

A referida pesquisa é de caráter qualitativo, pois o seu foco não é uma representatividade através de números, mas tem-se a preocupação em investigar informações de um dado grupo, assim para Minayo (2001 apud Gerhardt e Silveira 2009, p.32) “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Além disso, este trabalho apresenta também a abordagem quantitativa, pois conforme Gil (2002), esta pesquisa dar-se-á pela caracterização de uma população, tendo como fator primordial a utilização de coletas de dados como questionários e observações.

Ainda, a mesma assume o caráter descritivo a partir do levantamento dos dados pesquisados através da aplicação de questionários, objetivando de acordo com Gil (2002, p.52) “(...) descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento

de relações entre variáveis (...).”

Nesse contexto, primeiramente foi realizado o levantamento bibliográfico, do qual foram selecionados materiais como livros, artigos, dissertações que abordavam sobre a temática, tradução /interpretação de gêneros literário ‘poema’, literatura surda e sinalizada e características do gênero poema, assim consolidando seu aparato de referencial teórico. Para a obtenção dos dados da pesquisa, foi realizada aplicação de questionário eletrônico, através do formulário google através do link <https://goo.gl/forms/HTAsr2SUSM3dx0h02>, cujas perguntas se organizaram em abertas e fechadas, desse modo possibilitando aos investigados puder melhor expor livremente suas opiniões. Logo, o link do questionário foi enviado individualmente para vários Tils da cidade de São Luís – MA, como também os que atuam em municípios do próprio estado, desse modo resguardado suas identidades e por fim coletar somente as informações pretendidas.

Primeiramente esta pesquisa se deu de forma qualitativa, para somente depois das questões pesquisadas em sua totalidade pudesse mostrar os dados quantitativos, como Pradanov (2013), sobre a abordagem de pesquisa diz que:

Esse tipo de pesquisa ocorre quando envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento desejamos conhecer através de algum tipo de questionário. Em geral, procedemos à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obtermos as conclusões correspondentes aos dados coletados (PRADANOV, 2013 p. 58).

O corpus investigado partiu da inquietação ao decorrer do tempo durante as aulas de literatura, observando a dificuldade de interpretação de textos do gênero literário “poesia”, como também de muitas opiniões representada pelos TILS nesse contexto. Assim, a forma como foi realizada o levantamento da pesquisa foi por meio eletrônico, disponibilizando questionários individuais, tendo como base manter o controle em saber o quantitativo de participantes, pois foram enviados questionários para 46 pessoas, mas a pesquisa foi consolidada e fechada no aplicativo com 34 respondidos. O corpus desse modo de acordo com a pesquisa como:

Assim, a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca das propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender a questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedecem critérios que decorrem de princípios 28 teóricos da análise do discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. (ORLANDI, 2013, p. 63).

A pesquisa foi aplicada diretamente aos Tils que atuam na área educacional no nível médio, cujas perguntas foram baseadas no tempo de atuação, formação e sobre os conceitos de

poesia sinalizada, literatura surda, e das dificuldades e estratégias utilizadas na interpretação do português na sua modalidade oral, para a língua de sinais.

4.3. Procedimento de análise de dados

Com a obtenção dos dados pesquisados através dos questionários e o relato de experiências vividas por parte dos participantes, foi feita uma análise individual de cada questionamento, analisando assim os pontos cruciais que focaram no objeto da pesquisa para que depois melhor pudessem ser expostos e comparados.

Mediante esse procedimento, os resultados foram organizados através de gráficos e tabelas, fazendo primeiramente uma comparação entre as respostas colhidas e selecionando aquelas que foram melhor estruturadas, para que pudesse posteriormente ser destacado a opinião apresentada e assim ser evidenciada dentro do texto. A metodologia utilizada para descrição de dados conforme Gerhardt & Silveira (2009, p.81), “implica processamento de dados, através da geração (normalmente mediante o emprego de técnicas de cálculo matemático), da apresentação (os dados podem ser organizados em gráficos ou tabelas) e da interpretação”.

Assim, esse procedimento é caracterizado pelo detalhamento dos dados coletados através de uma análise minuciosa, partindo do quantitativo representados através gráficos de modo, de modo que torna-se clara os resultados colhidos de acordo com o objeto de pesquisa.

Nesse contexto a pesquisa contou com a participação de 34 participantes que contribuíram para o desenvolvimento da mesma, e ao decorrer dos questionários abordados percebeu-se que em relação ao grau de instrução, 10 possuem somente graduação, 22 especialização, 2 pessoas com formação em nível de mestrado e nenhum com curso de doutorado. Ainda, em relação ao perfil dos intérpretes dentro desse quantitativo, destaca-se suas formações a nível de graduação em diferentes cursos, como: Pedagogia, Letras - Inglês, Letras-Libras/Licenciatura, Letras – Libras/Bacharelado, Licenciatura em Química, Licenciatura em Teatro, Licenciatura em Geografia, Direito e Psicologia, já no nível de especialização foram citadas as áreas de Educação Especial e Inclusiva e Tradução/Interpretação em Libras.

Percebendo as várias formações que estes TILS têm, dentre elas algumas que não dão subsídios para atuação no contexto educacional como os que apresentaram formação em

Psicologia e Direito, tendo em vista que de acordo com o decreto posteriormente citado, a oferta da disciplina de libras na formação acadêmica é optativa, diferentemente dos cursos de licenciatura e fonoaudiologia, a qual torna-se oferta obrigatória, assim na formação profissional e academia deste indivíduo este não possuem um embasamento formativo que lhe contemplara os conhecimentos necessários que auxiliarão na sua prática interpretativa no contexto educacional, assim, tal contexto se contrapõe o que o Decreto nº 5.626 de dezembro de 2005 orienta no que diz no seu art. 17 que a formação desse profissional deve ser “a formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras – Língua Portuguesa”, este por sua vez sendo ofertado por curso de graduação em Letras-Libras/Bacharelado, especialização na área de Tradução/Interpretação em Libras.

No perfil dos participantes foi questionado o tempo de atuação na área de Tradução/Interpretação em Libras teve-se o seguinte resultado: 27 responderam que possuem mais de 5 anos de atuação, 4 pessoas atuam há 4 anos e 3 estão entre 1 a 3 anos. Ainda, no questionamento relacionado a sua experiência de trabalho, quanto tempo de dedicação e atuação no ensino médio obteve-se que dos 34 participantes, somente 25 quiseram responder a seguinte pergunta, além disso, os que se classificaram acima de 5 anos de experiência, destaca-se o seu tempo de trabalho somente no ensino médio os que atuaram ou atuam está entre 6 a 16 anos. Assim, complementando, uma pessoa respondeu que atua há 1 ano, uma respondeu que atua há 2 anos, seis participantes descreveram 3 anos, dois atuam há 4 anos, nove pessoas estão há 5 anos, e 6 acima de 5 anos.

Em relação ao quantitativo de alunos que são assistidos em sala de aula no ensino médio pelos IE, dos TILS pesquisados somente 3 TILS não responderam ou não estão atuando atualmente com surdos em sala de aula. Nesse contexto percebe-se que a escala que registra 6% referentes a 7 alunos na sala, 6% para 5 alunos e 12% correspondentes a 4 alunos percebe-se que há uma quantidade elevada de surdos por sala para um interprete, tendo em vista que no trabalho de interpretação de textos do gênero poema, necessita-se de uma atenção melhor a se trabalhar com esse alunado. Portanto, de acordo com a Resolução nº 291/2002 – CEE, estabelece normas para a Educação Especial na Educação Básica no Sistema de Ensino do Estado do Maranhão e dá outras providencias, descreve em seu Art. 12 sobre “o número de alunos nas classes comuns de inclusão deve obedecer à legislação pertinente, incluídos os que apresentem necessidades educacionais especiais”. Logo o seu parágrafo único é enfático ao

dizer que “nas classes referidas no caput deste artigo podem ser incluídos até três portadores de deficiência no mesmo tipo, observadas as orientações do Setor de Educação Especial para os casos extraordinários”.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1. Introdução

A análise de dados que partiu da aplicação dos questionários aos Tils que atuaram ou atuam no ensino médio, assim dada as respostas colhidas em consonância de conhecimento prévio na área de interpretação de língua de sinais, assim buscou-se diante do quantitativo de entrevistados, destacar as dificuldades enfrentadas diante do gênero poema e as estratégias que melhor pudesse auxiliar na sua prática.

5.2. Análise

Considerando os discursos apresentados pelos entrevistados, inicia-se a análise das perguntas coletadas, tendo por base o corpo principal que envolve o trabalho, caracterizada pela dificuldade e estratégias utilizadas pelos TILS diante do texto do gênero poético em sala de aula no ensino médio, destacando o que dizem acerca do conhecimento e especificidades na área de interpretação do referido gênero, deste modo fazendo o recorte sobre suas habilidades e competências na atividade exercida. Além disso, os dados podem ser analisados observando os questionários contidos no apêndice do trabalho.

Tabela 1- Quais as dificuldades enfrentadas na interpretação de textos literários, tais como poema, prosa, versos dentre outros?

Os questionamentos a seguir demonstraram as respostas sistematizadas a partir de uma pergunta chave se subdividindo nas questões a seguir, destacando dessa maneira a partir da análise aquelas que melhor se expressaram.

<p>Dificuldades com a linguagem poética da Libras</p>	<p>Encontrar sinais ou classificadores que correspondam às metáforas, eufemismo e etc usados na poesia. Encontrar na Libras elementos poéticos que possam compensar o estilo literário que torne essa interpretação prazerosa para os surdos. Figuras de linguagem, falta de domínio dos recursos poéticos na Libras. Palavras próprias de gênero literário que ainda não tem sinal em libras e que não é adequado utilizar a datilologia. Ritmos e estilística.</p>
<p>Dificuldades com a Língua Portuguesa</p>	<p>A correspondência e compreensão dos significados tanto da minha parte quanto da parte do surdo. A tradução em si das palavras por ser um texto subjetivo às vezes se torna difícil fazer a tradução fiel do texto. Palavras muito rebuscadas e leitura pesada e com sentido conotativo que são difíceis de passar para o surdo compreender efetivamente.</p>
<p>Falta de preparação dos TILS</p>	<p>Falta de antecipação por parte dos professores/escola. Planejamento e estratégias pedagógicas não equivalentes. Ausência de planejamento junto ao intérprete. Falta de prática, dificuldade de ajustar o vocabulário dentro da própria língua portuguesa quando são usados termos pouco conhecidos, quando não há termos equivalentes na Libras, leitura rápida realizada pelo professor e alunos sem espaço para parafrasear.</p>

Fonte: A Autora (2018).

Diante dos resultados, muitas são as dificuldades apresentadas em relação a interpretação do gênero poema em sala de aula, percebe-se pelas palavras dos TILS entrevistados o desconhecimento de estruturas da língua de sinais que auxilie a interpretação, além disso percebe-se também que muitos têm a dificuldade no uso de expressões faciais e corporais, cujo recurso torna-se essencial no trabalho com o referido gênero.

De acordo com os relatos de alguns TILS, os mesmos falaram que certas expressões da

língua portuguesa, eles desconhecem, em virtude disso acaba que a informação aos surdos fica prejudicada, para Machado (2016) sobre as competências dos TILS fala que:

O TILS deva no ato da interpretação simultânea, envolver competências tradutórias e linguísticas, principalmente ao que se refere às escolhas interpretativas de duas línguas. Entretanto, ressalta-se que o TILS precisa ser fluente em ambas as línguas, já que ele precisa interpretar simultaneamente (em tempo real) de uma língua sinalizada (Libras) para uma língua oral e vice-versa, ou então, para outra língua sinalizada (Libras). (MACHADO, 2016, p.123).

Na fala do seguinte TILS “*Falta de prática, dificuldade de ajustar o vocabulário dentro da própria língua portuguesa quando são usados termos pouco conhecidos, quando não há termos equivalentes na Libras, leitura rápida realizada pelo professor e alunos sem espaço para parafrasear*”, nesse discurso pode destacar duas dificuldades envolvidas, a primeira fundamentada pelo não conhecimento da estrutura e recursos da LS e a falta de prática com o trabalho de textos específicos no contexto de sala de aula, assim subentende-se que este não possui a competência para atuação, ou a formação adequada, que é um fator essencial, tendo em vista que essa atividade é altamente complexa e que habilidades e competências são necessárias, cujas não são adquiridas somente em um curso básico de Libras, mas há uma formação mais profunda que venham lhe possibilitar tais conhecimentos. Assim, não é só saber interpretar, mas são necessários conhecimentos intrínsecos em ambas as línguas, que sobrepujam o somente sinalizar palavras da LP para a LS, como Russo (2009) representa bem em:

Contudo, como um profissional da tradução e da interpretação – como ILS – este saber sobre o uso das línguas torna-se diferente, pois os ILS precisam de outros saberes sobre as mesmas como: as metalinguagens, as metáforas, as paráfrases, enfim, de tudo o que a língua, em seu sentido discursivo abarca, na tentativa de obter um resultado positivo de seu trabalho de interpretar. E aqui não apenas a ação profissional de interpretar, mas também em seu sentido discursivo, de produzir sentidos. (RUSSO, 2009, p.78).

O segundo justifica-se pela falta de parceria do professor e intérprete em sala de aula, do não acesso anterior do material trabalhado, logo nos discursos apresentados é importante destacar que alguns dos participantes reclamaram pela falta de contato com esses tipos de textos, a não disponibilização por parte dos professores, como Lacerda (2011, p.18), diz que:

na interpretação, todo o conhecimento do tema do que o tema está sendo tratado, o vocabulário específico e as expressões precisam estar disponíveis a priori, pois durante a interpretação simultânea não há tempo para consultas ou reflexões. As escolhas linguísticas precisam ser rápidas e por isso a bagagem cultural do intérprete precisa ser ampla. (LACERDA, 2011, p. 18).

Em relação a questão apresentada pela dificuldade com a Língua Portuguesa, quero destacar o seguinte ponto de vista do participante “a correspondência e compreensão dos significados tanto da minha parte quanto da parte do surdo”, nesse quesito pode-se destacar a dificuldade ambas as partes, tanto no aluno surdo quanto no profissional pelo desconhecimento

do léxico condizente ao decorrer do gênero trabalhado, percebe-se portanto a partir desse momento que a interpretação não se consolida e não cumpri o seu objetivo de transmitir informação ao aluno, neste caso tanto a interpretação, quanto a formação desse educando estão comprometidas, logo tais aspectos trazem consigo uma série de fatores preponderantes nesse processo, a formação deste profissional TILS principalmente no espaço específico que na questão levantada é a sala de aula, relação professor e intérprete, responsabilidade com seu trabalho e preocupação em pedir orientação ao professor em relação ao texto desconhecido.

Além disso percebe-se que no tópico em que apresenta as dificuldades com a linguagem poética da Libras, muitos dos discursos são quase que unânimes, pois percebe-se que as dificuldades se concentram em encontrar classificadores na LS, termos correspondentes entre as línguas, ou seja, um sinal específico para o léxico em português apresentado.

É importante destacar que os Classificadores – CL, são morfemas nas línguas de sinais que, são usados para representar uma ideia, dando forma a quem sofre ou pratica a ação verbal dentro de determinado contexto. Na LS, tal recurso que faz parte da estrutura da língua é de suma importância para efetivação da comunicação e na interpretação da mesma, pois ele representa forma e tamanho dois referentes dentro do discurso, dando vida a cada ação verbal tomada, tendo em vista que a percepção do sujeito surdo, sua interação, e o signo linguístico para ele é visual, assim os classificadores são recursos que proporcionam uma idealização imagética ao surdo, quando utilizado, ele consegue mentalizar, idealizar a imagem ao qual está sendo descrita a ele. Que para Campello cumpre o objetivo de :

(...) ampliar e exercitar as capacidades mentais e visuais para se comunicar com os Surdos. Todo e qualquer recurso que for utilizado para ajudar na comunicação, a compreensão dos conceitos deverão ser aplicados com naturalidade, e não para modificá-los, mas para auxiliar na compreensão e tradução gramatical visual. (CAMPELLO, 2008 p.152)

Para o surdo o uso deste recurso é primordial, pois permite ele navegar, meditar sobre a leitura de diversos textos, levando-os apreender significados, correlacionando com outros em contextos diversos, Campello enfatiza ainda dizendo sobre classificadores que eles proporcionam:

a construção da consciência de mundo e a interpretação da realidade são proporcionadas pela percepção da imagem, uma vez que esta acaba constituindo não somente uma ilustração do percebido mas uma “linguagem” imagética. O uso da imagem e da “linguagem” imagética na literatura, poesia, filme, diálogo, tem significado pelos processos do “ver”, por meio dos olhares e do processamento visual sígnico, próprio dos sujeitos Surdos. (CAMPELLO, 2008 p.102).

Diante disso, pode-se concluir que esses TILS não conhecem a Libras e os recursos que a mesma possui para a interpretação de textos com esses gêneros, desconhecendo que no

trabalho de interpretação do poema, o corpo do sinalizador fala muito mais do que simplesmente sinais correspondentes como Sutton-Spence e Quadros (2014, p.212) dizem que “o poema está no corpo do poeta durante sua performance(...), cada poema sinalizado exigirá interpretações específicas, com mais ou menos intervenções por parte do intérprete”, logo o uso desses fatores são primordiais no trabalho com textos poéticos, contos, poemas, histórias. O surdo, portanto, faz a leitura imagética, através de recursos variados como uma moldura, uma imagem, no corpo do sinalizador este por sua vez segundo Felício (ano, p.194) “o prazer de ler as palavras sinalizadas acompanhadas de expressões faciais e corporais (...)”.

Gráfico 1 - Você tem acesso ao texto literário com antecedência para estudo, afim de melhor compreendê-lo, facilitando sua interpretação durante a aula?



Fonte: A Autora (2018).

Diante desse resultado percebe-se que este fator é preocupante, pois comprova-se a partir da resposta dos entrevistados a falta de interação entre o professor e o intérprete de língua de sinais na sala de aula e a não acessibilidade do material a ser trabalhado para auxiliar ao profissional no seu trabalho, tendo em vista que o mesmo não é detentor de todo o saber e tampouco, mesmo sendo um profissional fluente em língua de sinais, o mesmo não detém todo o vocabulário, o léxico da língua, pois tal fator é impossível, devido as características das línguas, as quais são dinâmicas e estão em constante transformação, portanto o profissional tradutor/intérprete precisa estar em constante estudo, atualização, e para tanto precisa previamente da disponibilização do material a ser trabalhado em sala de aula, para que possa buscar o léxico da referida área ou assunto a ser discutido, se apropriando do mesmo afim de melhor transmitir conhecimento e informação ao surdo.

No contexto escolar, no espaço de sala de aula, a relação entre professor e intérprete é de suma importância, pois essa pratica permite que o profissional, segundo Lacerda (2011, p.53)

que “colabore discutindo possibilidades de certos conteúdos serem abordados, considerando seus conhecimentos sobre surdez /falta de audição, o modo de significar dos alunos surdos que ela acompanha mais de perto, e ao mesmo tempo, facilitando seu desempenho como intérprete, já que conhece os argumentos antecipadamente”.

Além disso, no contexto educacional, o intérprete assume de certa forma a responsabilidade pela formação, aprendizado desse aluno surdo, pois mesmo quando não tem acesso ao texto, ele pode interferir na aula do professor, pedindo que explique o termo não compreendido, tal estratégia torna-se essencial nesse processo, pois somente o professor da disciplina que conhece melhor o assunto trabalhado pode lhe dar melhor esclarecimento “para ‘esclarecer’ o sentido, nada melhor que recorrer, quando possível, àquele que o ‘detêm’: o autor do original” (MITTMANN, 2003, p.137).

Logo, o papel do IE vai muito além do ato de interpretar, mas sobretudo é o ator principal e responsável na formação e desenvolvimento do aluno surdo, pois quando a mensagem, ou termo utilizado pelo professor não é compreendido, o mesmo poderá solicitar uma nova reformulação, e assim a informação possa chegar ao educando de forma efetiva.

Assim o trabalho do IE vai além de fazer escolhas ativas sobre o que deve traduzir, envolvendo também modos de tornar conteúdos acessíveis para o aluno, ainda que implique solicitar ao professor que reformule sua aula, pois uma tradução correta do ponto de vista linguístico nem sempre é a melhor opção educacional para propiciar o conhecimento. (LACERDA, 2009, p.35).

Tabela 2 - Quando não compreendida a linguagem estilizada, característica própria do gênero literário, quais técnicas utiliza para auxiliar sua interpretação?

Dentro da pergunta acima serão destacados tópicos importantes no que se referente a tomada de atitude pelo interprete na resolução do problema no momento de interpretação do texto poético, quais as estratégias que o mesmo utiliza quando não teve acesso ao texto anteriormente e pelo desconhecimento da linguagem estilizada.

<p>O intérprete tenta resolver por si mesmo o problema</p>	<p>Seguir o contexto. Datilologia. Compreensão literal do texto e sua respectiva interpretação. Na realidade explico inicialmente ao aluno que trata - se de uma linguagem conotativa, que não é em um sentido real, interpreto literalmente, mas depois realizo uma intervenção (pequena explicação) do que foi mencionado.</p>
--	---

O intérprete não resolve o problema (omissão dos fatos)	É difícil interpretar quando não sentem uma compreensão. Então, acaba ficando não interpretado. Omissão. Passo para os trechos que compreendi e, em outro momento, pesquiso sobre e retorno com as informações adicionais. Complicado. Na maioria tentar explicar as metáforas, não considero que seja o ideal, pois poesia é sentimento.
Intérprete pede ajuda para o professor	Esclareço dúvidas com o professor regente Perguntar a professora de literatura o sentido do poema para depois passar para os surdos.

Fonte: A Autora (2018).

Interpretar textos do gênero poético, vai muito além que traduzir palavras, buscando sinais que façam a correspondência, como Sutton-Spence e Quadros (2014, p.211-212), dizendo que “ um intérprete não pode reproduzir o poema na íntegra em palavras traduzidas, porque grande parte do poema está no corpo do poeta durante sua performance”, assim o que se percebe é que os entrevistados se preocupam somente em passar aquela palavra substituindo por um sinal, ou somente fazendo a datilologia, o que para o surdo será difícil para sua compreensão, assim podemos perceber determinado discurso a partir do seguinte fragmento:

O uso da soletração manual não garante a compreensão do aluno reconhecer as letras do alfabeto que não significa compreender o significado da palavra pretendida, e isso implica no não entendimento do conceito. Ainda segundo as autoras essa estratégia funciona como uma “comunicação alternativa”, que busca amenizar as barreiras comunicativas e dificuldades encontradas no ato da interpretação”. (CAETANO; POKER; MARTINS, 2009, p 4).

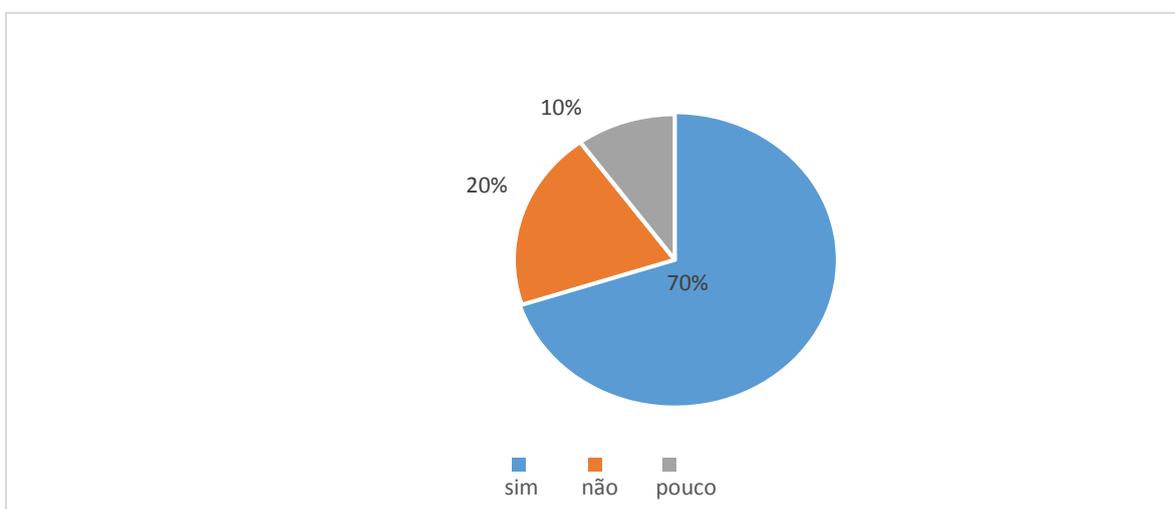
Sobre a mesma visão a autora SANTOS (2014, p.94), complementa dizendo que “(...) o recurso pode funcionar bem às necessidades do IE, que busca em sua primeira língua o recurso para explicitar um termo incógnito ou cujo sinal seja desconhecido no momento da tradução, mas certamente não auxilia, em muitos casos, o aluno surdo”.

Assim, na fala do TILS “*Omissão. Passo para trechos que compreendi e, em outro momento, pesquiso sobre e retorno com as informações adicionais*”, tal fragmento causa um certo espanto, pois segundo ele acaba omitindo informações, o que descaracteriza a profissionalização dos TILS, quebrando sua ética, pois ele deve ser fiel no seu ato interpretativo, não omitindo nada ao seu cliente surdo.

Em outro discurso em um dos entrevistados tem-se “*Na realidade explico inicialmente ao aluno que trata se de uma linguagem conotativa, que não é em um sentido real, interpreto literalmente*”, percebe-se a partir desse fragmento, que a falta de conhecimentos dos textos, de

sua estrutura e também das características próprias de ambas as línguas, há uma falha, pois numa interpretação nunca é feita literalmente, porque isso se justifica no português sinalizado o que quebra com todos os padrões da LS, pois para Machado (2016, p.115) “A interpretação consiste em encontrar ‘pistas’ de significados implícitos, em atentar para a polissemia dos itens lexicais que expressam nos conceitos abstratos e em determinar, em cada enunciado, o que é expressado em função do contexto linguístico-educacional”.

Gráfico 2 - Você conhece sobre literatura surda ou sinalizadas



Fonte: A autora (2018).

Dentro da mesma questão para os que conhecem a Literatura surdas ou sinalizada, foi solicitado que os mesmos fizessem uma diferenciação entre a língua oral e a de sinais, sendo capaz de influenciar a sua interpretação em sala de aula, segundo os questionamentos obtiveram as seguintes respostas.

Tabela 3 - Se conhece, você percebe que há diferenças entre a estrutura dos textos poéticos em língua oral como em língua de sinais, que vai influenciar sua interpretação na sala de aula? Pode dar um exemplo da sua experiência?

Sim, há diferença que interfere na interpretação. Depende do objetivo do professor em usar o poema em sala. Se o objetivo é trabalhar alguma sensação de sentimentos aí é necessário fazer uma interpretação sem influência da língua portuguesa. Mas se o objetivo é trabalhar a estrutura da língua portuguesa aí é mais difícil, pois muitas vezes o surdo não consegue absorver devido à falta do input linguístico oral auditivo.

Sim. Tanto na língua oral como na sinalização para uma melhor compreensão dos textos literários seja poemas ou prosa a expressão é fundamental. No caso da língua oral está no tom da voz, já na língua de sinais nas expressões faciais e corporais. Neste caso incorpora a fala do autor.

Sim, eu percebo que há uma certa diferença no momento em que o surdo utiliza recursos de sinalização que permitam uma melhor descrição em sala de aula. Em espaços onde surdos apresentam poesias sinalizadas, percebi sua leveza e entonação por meio da descrição imagética dos movimentos corporais e faciais.

Influência muito, pois se o intérprete não consegue realizar uma sinalização clara, pode veicular uma informação errada ou mesmo sem significação nenhuma para o aluno surdo. É desafiador, mas tento também apresentar o texto escrito ao aluno para que ele se aproprie aos poucos, dependendo do seu nível linguístico.

Sim é perceptível, a começar pelo conforto durante a interpretação. É mais confortável interpretar uma receita de bolo, um texto jornalístico a um poema, uma música.

Sim, reconheço as diferenças e acredito que elas estão na interpretação das expressões manuais e não manuais que se intensificam.

A língua de sinais tem estrutura diferenciada da Língua Portuguesa. As poesias Surdas têm expressões que não há tradução na língua oral. Pois a libras é viso espacial. E a literatura surda tem suas próprias características.

Sim. Os textos literários em Libras possuem mais elementos visuais com riqueza de detalhes.

A poesia em língua de sinais é rica em imagens, classificadores e expressões faciais e corporais que torna a poesia mais rica na sua interpretação. Uma experiência atual que tive foi interpretar o texto “O cortiço”, onde primeiro trabalhei com os alunos através das imagens, reconhecer cada personagem e nome de cada um deles, depois interpretei a história. A compreensão por parte dos alunos foi bem satisfatória, pois isto ficou claro para mim quando estes participaram de um debate sobre junto com alunos ouvintes.

O fato de eu ser ouvinte, me faz ter uma visão e uma forma diferente de entender e interpretar qualquer texto. Já aconteceu de o surdo, após eu terminar de interpretar o texto, me dizer que entendeu determinada palavra de forma diferente, mas que fazia muito sentido também.

Fonte: A autora (2018).

Percebe-se a partir de alguns discursos que para muitos a Literatura surda ou sinalizada não passa de visualizações e que somente é focado no uso de CL – Classificadores em Libras, “Apenas as visualizações”, “Usa-se muitos classificadores”, entretanto sabe que a interpretação do referido gênero e que a Literatura Surda ou Sinalizada perpassa todos esses aspectos, embora, estes sejam também uma característica, envolve, portanto, culturas, línguas, social ou seja:

As produções poéticas carregam estilo, as particularidades daqueles que a produzem. Os poetas, com base em suas regiões, especificidades e características da cultura de cada estado. As poesias retratam as características, o jeito e o reconhecimento das particularidades e especificidades presentes em cada cultura, com composições e combinações inerentes a esta (a cultura). Esse processo faz um movimento de trocas de interações, trazendo um aspecto melódico à poesia. (MACHADO, 2014, p. 231).

Assim, a literatura surda ou sinalizada é a representação da história de povo, a qual é passada de geração a geração, é a representação de uma identidade, a qual está interligada através de um código, a Língua de Sinais. Por sua vez, somente recentemente esta vem sendo registrada através de aparatos tecnológicos, propiciando que tais materiais sejam disponibilizados para estudo, para conhecimento, para propagação de uma comunidade, e essa característica é denominado como Folclore Surdo, conceito criado pela poetisa surda Carmel, cujo o objetivo era registrar tais feitos.

Vale ressaltar, que a poesia sinalizada existe bem antes da própria tecnologia, este serviu apenas para registrar, mas mesmo antes do surgimento, os surdos já se comunicavam, já contavam histórias, piadas. Assim, podemos observar tal discurso através da seguinte citação:

A poética em línguas de sinais, sempre existiu, mesmo antes das tecnologias se desenvolverem, no entanto, não podiam ser registradas, porque as línguas de sinais são de modalidade visual e seu signo linguístico é composto de elementos que se organizam simultaneamente. Sua principal característica é o movimento, diferentemente dos registros da poesia das línguas orais que, preponderantemente, são expressas de maneira visual, porém de forma estática, que caracterizam a linguagem. (MACHADO, 2014, p. 230).

Mediante as discussões, das dificuldades e estratégias adotadas na interpretação do texto poético em sala de aula no ensino médio, solicitou aos TILS que os mesmos pudessem opinar estratégias que auxiliassem na sua prática.

Tabela 4 - Você tem sugestões que venham contribuir no trabalho de interpretação do gênero poema no contexto de sala de aula com alunos surdos no ensino médio?

- O intérprete ter acesso previamente do texto que irá trabalhar em sala de aula.
- Que os textos sejam disponibilizados para o intérprete antes, assim ele poderá fazer uso de instrumentos que possam ajudar, como por exemplo imagens ou até mesmo da vestimenta. Que sejam escolhidas literaturas curtas, pois o tempo é importante no fator prazer e na sinalização a obediência a estrutura da língua sinais é importante para o entendimento do surdo.

- Sim. O intérprete deve ter acesso antecipado dos textos para um estudo de como interpretar e passar a mensagem para os alunos surdos. Levar os surdos a fazer a leitura dos textos e leva-los a interpreta-los, como eles fariam na língua de sinais.
- Sim, creio que os intérpretes devam estudar mais profundo a poesia (isto é, o estilo) e o gênero poema (o texto) comparando as duas línguas e vendo as semelhanças e diferenças entre elas, tomando cuidado ao perceber que a poesia, de forma geral, não pode ser traduzida, mas sua essência pode ser analisada. Compreender a literatura ajuda muito numa interpretação eficiente.
- Creio que se fosse possível, a antecipação dos materiais deste gênero. Que o intérprete pudesse ter acesso anteriormente, também hoje contamos com vídeos de Glossários e estratégias, que são também bons recursos.
- O uso de classificadores, imagens, objetos, símbolos, associados a língua de sinais. Uma explicação prévia, se for o caso, sobre o poema.
- Sim. Deveria ser oferecida aos TILS uma formação específica cujas dúvidas e falta de conhecimento deveriam ser sanadas através de práticas como ocorre em outros cursos.

Fonte: A autora (2018).

Diante das respostas expressas percebe-se que quase em comum a todos, eles citam a respeito das estratégias em que devem ter o assunto previamente antecipado para possam fazer uma leitura e buscar formas de melhor interpretá-lo, esse trabalho segundo Gesser (2015, p.538) ressalta que “o trabalho deve ser em equipe, isto é em colaboração entre intérprete e professores: há que se planejar as aulas, conversar sobre os modos pedagógicos acessíveis para se ensinar o surdo, dialogar sobre as estratégias de ensino, selecionar materiais e suporte didáticos apropriados”, a mesma autora afirma ainda que este campo cujos intérpretes estão inseridos é muito mais desafiador e muito mais complexo do que os outros campo de atuação, tendo por base que nesse cenário estará trabalhando para transmitir conhecimentos necessários para a formação do sujeito surdo, ele é o responsável pelo fracasso ou sucesso desse indivíduo em sala aula, portanto a interação entre intérprete e professor torna-se um fator primordial no desenvolvimento do trabalho dos IE em salas de aulas, tendo em vista que os mesmos não são detentores de todo o saber, diferente dos que muitos creem que os TILS tem todos os sinais na sua cabeça, assim os mesmo precisam estar em constante estudo, pesquisa e ter esse material previamente em mãos, para compreender o significados desses tipos de textos de gênero “poema”, cuja linguagem muitas vezes reporta a um outro tempo, costumes, culturas, a língua com suas variações de determinado tempo.

Ainda em relação ao ato interpretativo desempenhado nesse profissional no contexto de sala de aula, Gesser (2011) diz o seguinte:

Qualquer ato interpretativo envolve um enorme empenho linguístico-comunicativo por parte do intérprete. Isso porque ele tem que processar a informação é expressa em uma determinada língua (no caso língua fonte), fazendo adequações e escolhas linguísticas que façam sentido na língua alvo. Além do domínio linguístico etécnico, o ato interpretativo também requer do profissional conhecimento histórico, cultural e social. Afinal ele não funciona (como muitos gostariam de pensar!) como um “decodificador” de palavras em sinais e vice-versa. (GESSER, 2011, p. 26).

No mesmo contexto Leite (2005, p.74) enfatiza dizendo a acerca do trabalho dos TILS que os mesmos são “atores engajados na interação resolvendo problemas, não apenas de tradução, mas também problemas de mútuo entendimento em situações Interativas”.

Como foi falado por diversas vezes, interpretar um texto do gênero “poema”, é uma tarefa desafiadora, cuja interpretação ocorre de forma simultânea, para isso requer deste profissional conhecimentos linguísticos e extralinguístico, conhecido de mundo, conhecimento do espaço de trabalho, do aluno surdo, como também, memória, tomada de decisões, categorizações e estratégias de interpretação.

Diante do levantamento das respostas dos entrevistados, muitos consideram que a interpretação do gênero poesia refere-se somente ao uso de classificadores em língua de sinais, como se pode comprovar de acordo com a fala de um entrevistado “*Fazer bastante uso de Classificador*”, a partir desse discurso percebe-se que há falta de conhecimento sobre o ato interpretativo e de sua responsabilidade, pois que envolve esse processo vai muito além de uso somente de classificadores, mas sobretudo o uso de e outros recursos que a língua disponibiliza, como o próprio corpo, movimentos.

Portanto, percebe-se que muitos TILS atuam nesse cenário sem conhecer o seu papel enquanto canal de comunicação, interação e prioritariamente como instrumento de formação do aluno surdo enquanto cidadão crítico, pensante, formador de opiniões para futuras gerações, e de entender que a interpretação não está focada na interpretação de palavras, como muitos TILS realizam tal processo na interpretação de poema pela falta de conhecimento do referido gênero, do contexto do contexto de trabalho, por domínio de ambas as língua, oral e de sinais, mas ela é voltada para o significado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traduzir/interpretar, um processo estratégico tão complexo, é um desafio, pois significa discorrer sobre língua, linguagem, pensamento e conhecimento de mundo (ALBRES SANTIAGO, 2012, p.37), logo esse ato possui características intrínsecas, que não necessariamente é só conhecer o par linguístico, mas nesse processo outras competências e habilidades tornam-se de suma importância.

A tradução tem como premissa o texto escrito, o qual é muito mais flexível, tem o tempo a sua disposição, como também recursos que auxiliem na tradução de uma língua para outra. A interpretação envolve processos mentais específicos e complexos, ela acontece de forma imediata seja oral ou sinalizada, mas se dar em discursos proferidos, portanto a mesma não conta com a ajuda do tempo, e muito menos com materiais, este deve estar preparado, pois são os seus conhecimentos, o domínio das línguas que ajudarão nesse processo. É importante destacar que mesmo esses dois termos apresentarem suas divergências, mas ao fundo eles caminham juntos, estão interligados, pois todo tradutor é um interprete e todo interprete é um tradutor, ambos são considerados como autores de suas produções, porque nesses processos estes profissionais pelos recursos disponibilizados recriam seus discursos, buscando equivalente na outra língua, mas sem alterar o seu sentido original.

Atualmente, pelo empoderamento da comunidade surda dentro da sociedade nos diversos espaços, e o seu reconhecimento através da Lei nº 10.436/02, do Decreto nº 5.626/05 dentre outras, que asseguram seus direitos de acessibilidade, em conformidade estas foram o fator culminante para o surgimento e exigência da profissionalização dos Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais – TILS.

De acordo com a política de educação, essa afirmativa ficou cada vez mais exigente no campo educacional, pois é nesse espaço que tais indivíduos conseguirão ter uma formação adequada, tendo acesso aos múltiplos conhecimentos, com a informação, interação, logo estes necessitarão do apoio dos IE – Intérpretes Educacionais, que serão a base para sua inserção neste espaço de aprendizagem. Gurgel (2010), fala que:

a presença dos do profissional TILS é obrigatória nos espaços educacionais que recebem estudantes surdos e as IES, para atenderem à demanda destes estudantes, precisam de fato estar atentas aos processos avaliativos e/ou de seleção destes profissionais, considerando com cuidado sua formação e competência para exercerem sua função em sala de aula. (GURGEL, 2010, p.157).

No contexto de sala de aula o IE está recebe informações de todos os campos do saber, interpretando as diversas disciplinas, como matemática, biologia, química, história, português,

literatura e enfim, dentro desse contexto complexo de interpretação, ele precisa ter competências e habilidades essenciais para a realização da sua atividade, não deixando nenhuma informação em omissa, ser fiel ao discurso proferido.

Assim, ao longo dessa pesquisa o destaque aqui é dado ao trabalho de interpretação do gênero poema na dinâmica de sala de aula no ensino médio, destacando as características e especificidades desse gênero e das dificuldades e estratégias adotadas para a interpretação. Vale destacar que esse tipo de gênero é muito específico, o qual possui uma linguagem que se diferencia dos demais textos, geralmente estes não se encontram no mesmo tempo o qual estão sendo proferidos, apresentam uma linguagem muito rebuscada, estilizada, e para isso o trabalho do profissional interprete será um trabalho diferenciado, pois deverá ter cuidado na transmissão das informações contidas neste textos, se atentando ao utilizar os recursos que a língua de sinais possui para a produção destes, não se valendo de uma simples reprodução de sentidos, mais de se embrenhar no texto, para que assim o sujeito surdo venham compreender as características do gênero em sua totalidade, perceber o ritmo, versos, a melodia do mesmo, mas diferentemente dos ouvintes, percebe-lo sobre uma outra ótica, o visual através da performance dos sinais.

Ao decorrer da pesquisa percebeu-se que o poema é um gênero importante a ser trabalhado na sala de aula, pois ele desperta no aluno vários fatores como psicológico, emocional, o criativo, como também o pensamento crítico, ele é uma forma de liberdade, pois os alunos conseguem expressar-se livremente as suas dores, suas experiências de vida, suas alegrias e tristezas, ele é, contudo, também um resgate de memórias de um povo, é história, é conhecimento, ele transcende sua própria língua, quem a produz deixa registrada seu olhar em suas linhas. Na educação infantil, quando trabalho desde as séries iniciais, ele fomenta para a formação de leitores, desperta o imaginário das crianças, tornando mais tarde, alunos no ensino médio, superior, com pontos de vistas mais determinados, logo com os alunos surdos o mesmo contribui de tal forma, tirando-os da alienação, embora com suas limitações auditivas que de alguma forma provoca em até em certo tempo um atraso na linguagem e conseqüentemente no cognitivo, mas com o acesso a literatura, ao texto poético, tais problemas podem ser solucionados e este alunos pode desenvolver suas diversas habilidades.

A literatura surda ou sinalizada cumpre bem essa função no contexto da comunidade surda, pois ela privilegia a língua como um fator primordial de disseminação da cultura, dos saberes, costumes desse povo, e na poética, os surdos podem vivenciar vários momentos não vividos, contatos através de sua língua, podendo assim estarem mais interligados. A poesia em língua de sinais é a forma como ela é transpassada, aqui o foco não é dado ao sinal, buscando

equivalente na outra língua, mas é dado a informação que emana do copo do sinalizador, caracterizado com performance em sinais, pois nesse sentido, o corpo, as expressões falam muito mais do que os próprios sinais realizados pelas mãos, o conjunto de movimentos, lentos, acelerados é o que dão a sensação de ritmo na poesia. Logo estes fatores são imprescindíveis para a interpretação. O profissional interprete, deve conhecer esses recursos que a língua de sinais tem, e fazer uso da mesma com propriedade, não se preocupar somente com a decodificação de palavras, mas fazer valer a informação, o sentindo chegar ao aluno surdo, despertando nele todas os objetivos que a poesia cumpri na vida de um aprendiz. Na língua de sinais, o texto literário mostra a relação entre o corpo, o eu (o poeta) e o texto. O texto não está no papel, está no corpo do sinalizador/performer, o que representa a um público (KLAMT, 2014, p.26).

O resultado da análise dos TILS entrevistados foi percebido que 70% destes conhecem sobre literatura surda ou sinalizada, mas diante dos dados apresentados nesse quesito é importante destacar que embora seja um percentual considerável em que os entrevistados relatam que conhecem sobre literatura surda ou sinalizada, mas ao decorrer das respostas dos questionamentos seguintes, os discursos apresentados são que a poesia sinalizada é somente utilização intensificada de classificadores, logo percebe-se uma contradição nas suas respostas, avaliando que os mesmos não conhecem ao fundo acerca da especificidade da literatura surda, assim ao todo percebe-se que está falta de conhecimento de fato culminam para o fracasso da formação do aluno surdo, pois os mesmos acabam não tendo a informação passada em sua totalidade, e o objetivo destes textos trabalhados em sala de aula não cumprem o mesmo propósito como é desenvolvido nos alunos ouvintes. Destaca-se ainda, que muitos TILS consideram segundo os seus relatos que a poesia em Língua de Sinais é somente uso de CL – Classificadores, e ou expressões faciais, além disso muitos optaram a não responder pelo fato de desconhecimento do assunto.

Estes fatores refletem para a formação deste profissional, principalmente quando o campo é voltado para atuação no contexto educacional, pois eles serão peças chaves para a formação do aluno surdo como sujeito reflexivo e crítico, e uma vez que esse não desempenha sua função, o surdo sai prejudicado.

Logo a formação destes profissionais, assim como os entrevistados expuseram suas opiniões para a oferta de uma formação específica na área de interpretação de textos do gênero literário poema, cujas não deve estar voltada somente para o desenvolvimento de conhecimentos linguísticos como somente aprender o léxico de sinais, em decodificar palavras, mas sobretudo, os extralinguísticos, social, cultural. As habilidades e competências requeridas

a estes profissionais segundo Robertz (1992 apud QUADROS, 2004) são:

Competência linguística Competência para transferência (Essa competência envolve habilidade para compreender a articulação do significado no discurso); Competência metodológica (habilidade em usar diferentes modos de interpretação, para encontrar o item lexical e a terminologia adequada avaliando e usando-os com bom senso e para recordar itens lexicais e terminologias); Competência na área (conhecimento requerido para compreender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretada). Competência bicultural (conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos dos utentes da língua fonte e da língua alvo). Competência técnica (habilidade para posicionar-se apropriadamente para interpretar). (QUADROS, 2004, p. 73-74).

Em suma esta pesquisa colaborou para a percepção através das várias opiniões elencadas dos TILS, sobre suas visões acerca da poesia sinalizada, sobre suas habilidades e competência na interpretação dentre do campo da poética, e suas estratégias utilizadas, por fim foi perceptível, que está é uma área que necessita em urgência de formações específicas para estes profissionais, pois os que mais sofrem neste processo são os alunos surdos, os quais pela falta de conhecimento e habilidades destes profissional, estão ficando cada vez mais atrasados, e não tendo a oportunidade de conhecer a sua própria cultura e memória do seu povo através da literatura surda e poesia sinalizada.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary (org). **O Signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Campinas, SP: 2 edição Pontes, 2003.

ARRUDA, Francisco Edmar Cialdine. **Uma historia de perseverança.** Revista de Língua Portuguesa: conhecimento prático. São Paulo: Escala Educacional, nº 15 [s.d].

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

BARROS, T. do P. **Experiência de Tradução Poética de Português/Libras: Três Poemas de Drummond.** 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Tradução, Universidade de Brasília. Brasília, 2015

BERNARDINO, Elidéa Lúcia. **Absurdo ou Lógica? Os surdos e sua produção linguística.** Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000.

CAETANO, P.F; POKER, R. B; MARTINS, S.E.S. DE O. **O papel e as estratégias utilizadas pelo intérprete de língua de sinais na tradução dos termos e conceitos técnicos das disciplinas do segundo semestre do terceiro ano do curso de pedagogia da FFC de Marília.** In: Anais do XXI Congresso de Iniciação Científica da Unesp. São José do Rio Preto, 2009.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos Visualidade na Educação de Surdos.** 2008. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2008.

CANDIDO, A. **O direito à literatura.** In: Vários escritos.3. ed. São Paulo: Duas cidades, 2004.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

CAPOVILLA, Fernando C. **Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo.** Revista Brasileira de Educação Especial, v. 6, n. 1, 2000, p. 99-116

Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10. 436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Congresso Nacional, 2005

FELÍCIO, Márcia Dilma. **O papel da tradução e interpretação na contação de histórias pelos surdos.** In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Muller; LEITE, Tarcísio de Arantes. Estudos da Língua Brasileira de Sinais II. Florianópolis: Insular, 2014.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto: curso básico, livro do estudante cursista.** Brasília: Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, Mec, Seesp, 2001.

FELTES, Heloísa P. de M. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias.** Porto Alegre: Edipucrs, 2007

FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação**/ José Luiz Fiorin, Francisco Platão Savioli. – 17.ed. – São Paulo: Ática, 2007.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos De Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, Audrei. **Tradução e Interpretação da Libras II**. Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC – EAD Letras Libras, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GURGEL, T.M.A. **Práticas e formação de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais no ensino superior**. 2010. 168f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2010.

HURTADO ALBIR, Amparo. **A Aquisição da Competência Tradutória: aspectos teóricos e didáticos**. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (orgs.). *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

KARNOOP, Lodenir. **Literatura Surda**. In: *Literatura, Letramento e Práticas Educacionais – Grupo de Estudos Surdos e Educação*. Campinas: ETD – Educação Temática Digital, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006.

_____. **Produções culturais de surdos: análise da literatura surda**. *Cadernos de Educação/ FaE/PPGE/UFE/Pelotas* (36): 155-174, maio/ agosto, 2010.

KLAMT, Marilyn Mafra. **O Ritmo na Poesia em Língua de Sinais**. 2014 – Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFSC, Florianópolis, 2014.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

_____. LODI, A.C.B; GURGEL, T.M. do A. SANTOS, L.F. dos. **Educação**

Inclusiva Bilingue: implantação, acompanhamento e implicações para ações pedagógicas junto a alunos surdos na Educação Básica. Relatório Final de Pesquisa: Proc. No. 477108/2008-3. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2011.

Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm. Acesso em outubro de 2018.

LEITE, E.M.C (2005). **Os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva**. Coleção cultura e diversidade. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul.

LIMA, E.S. **Discurso e identidade**: um olhar crítico sobre a atuação do (a) intérprete de LIBRAS na Educação Superior. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. **Conceitos Abstratos e possibilidades no ato tradutório e interpretativo de Português para Libras**. In: Silva; Albres; Russo (org) : Diálogos em Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais. 1 ed. – Curitiba: Editora Primus, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MITTMANN, S. **Notas do tradutor e processo tradutório: análise sob o ponto de vista discursivo**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

NASSETTI, Pietro (trad). **Arte Poética**: Editora Martin Claret, 2005.

NUNES, Ginete C. **Poesia e letramento literário no Ensino Fundamental**. Id on Line Revista de Psicologia, fevereiro de 2016, vol.10, n.29. p. 152-159. ISSN 1981-1179.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

PAZ, O. **O Arco e a Lira**.(trad. Olga Savary). 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas**. 2. ed. São Paulo-Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Brasília: MEC; SEESP, 2007.

_____. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2004.

Resolução 291/2002 de 12 de dezembro de 2002. Estabelece normas para a Educação Especial na Educação Básica no Sistema de Ensino do Estado do Maranhão e dá outras providências. Acessado em 10 de outubro de 2018. Disponível em: <http://conselhodeeducacao.ma.gov.br/files/2017/01/RESOLU%C3%87%C3%83O-2002-291.pdf>

REILY, Lúcia H. **As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos**. In: SILVA, I.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. (Org.). Cidadania, surdez e linguagem. São Paulo: Plexus, 2003.

RUSSO, Ângela. **Intérprete de línguas brasileira de sinais: uma posição discursiva em construção**. 2009. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) UFRGS. Porto Alegre. Disponível em: Acesso em: 10 mar. 2015.

SANTOS, Lara Ferreira dos. **O fazer do intérprete educacional: prática, estratégias e criações** – São Carlos: UFSCar, 2014.

SANTIAGO, V. de A. A. **Português e Libras em Diálogo: os procedimentos de tradução e o campo do sentido**. Libras em estudo: Tradução e interpretação. São Paulo: FENEIS, 2012.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SPENCE, Rachel Sutton; QUADROS, Ronice Muller. **Performance Poética em Sinais**: o que a audiência precisa para entender a poesia em sinais. In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Muller; LEITE, Tarcísio de Arantes. Estudos da Língua Brasileira de Sinais II. Florianópolis: Insular, 2014, p. 208,211.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 1 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.

SUTTON-SPENCE, Rachel E CAMPOS, Klicia. **Translating Cordel Literature into Libras** – Some Challenges for Deaf Translators. (Em prelo) Sign Language Studies, Volume 19 # 4 (Summer 2019). No prelo.

_____. **Imagens da Identidade e da cultura surda na poesia em língua de sinais**. In: Vasconcellos, Maria Lúcia Barbosa; Quadros, Ronice Muller (org). Questões teóricas das pesquisas em Línguas de sinais. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO (FORMULÁRIO GOOGLE) - APLICADO COM TRADUTORES / INTÉRPRETES DE LIBRAS /PORTUGUÊS QUE ATUAM NO ENSINO MÉDIO.

Essa pesquisa objetiva analisar como é realizado a interpretação do texto do gênero “poema” nas aulas de literatura no ensino médio, observando as dificuldades e estratégias utilizadas na interpretação do referido gênero.

Espero contar com a sua colaboração. Obrigada.

1- Qual seu grau de instrução?

- Graduação
- Especialização () Mestrado
- Doutorado

Qual a sua formação? _____

2- Quantos anos você atua na profissão de Tradutor/Intérprete de Libras?

3- Considerando a sua experiência de trabalho, quanto tempo você dedicou para atuação no ensino médio?

4- Você acompanha quantos alunos surdos em sala?

5- Quais as dificuldades enfrentadas na interpretação de textos literários, tais como poema, prosa, versos dentre outros?

6- Você tem acesso ao texto literário com antecedência para estudo, para melhor compreendê-lo e assim facilitar sua interpretação durante a aula?

7- Quando não compreendida a linguagem estilizada, característica própria do gênero literário, quais técnicas utiliza para auxiliar sua interpretação?

8- Você conhece sobre literatura surda ou sinalizadas?

- a) Se conheça, você percebe que há diferenças entre a estrutura dos textos poéticos em língua oral como em língua de sinais, que vai influenciar sua interpretação na sala de aula? Pode dar um exemplo da sua experiência?
- b) Se não conheça sobre literatura surda ou sinalizada, você acha que poderia ajudar a sua interpretação? Pode dar um exemplo da sua experiência.

9. Tem algumas sugestões como podemos ajudar os intérpretes de ensino médio interpretar melhor os poemas para Libras para os alunos surdos?.